

UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA

DULCIMAR APARECIDA TEIXEIRA COSTA

**AS AULAS MISTAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR NA VISÃO DO
CORPO DISCENTE E DOCENTE DAS ESCOLAS DE ENSINO MÉDIO DA
CIDADE DE FLORESTAL/MG.**

**FLORESTAL - MG
2013**

DULCIMAR APARECIDA TEIXEIRA COSTA

**AS AULAS MISTAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR NA VISÃO DO
CORPO DISCENTE E DOCENTE DAS ESCOLAS DE ENSINO MÉDIO DA
CIDADE DE FLORESTAL/MG.**

Monografia apresentada ao Curso de Educação Física da Universidade Federal de Viçosa como requisito para obtenção do título de licenciado em Educação Física.

Orientador Prof. M. Sc. Romário Cardoso Costa.

FLORESTAL - MG
2013

Dedico com um carinho especial aos meus grandes amores que juntos sofreram e sorriram comigo durante a concretização deste trabalho. Romário, meu esposo, pela compreensão, orientação, apoio e incentivo. Meus filhos, Renan que no auge de suas incertezas de adolescente, clareou auxiliando-me em muitas dúvidas e Vítor, meu caçula, que resignado entre seus medos e anseios aceitou minha ausência em suas noites infantis.

Amo vocês!

AGRADECIMENTOS ESPECIAIS

“É triste escrever os agradecimentos sabendo que mais uma fase está se esgotando. A nostalgia já me invade, porém, saio com a sensação de ter vivido tudo o que a faculdade me proporcionou.”

A Deus que me guiou nesses anos e através da força do teu espírito me fez superar as dificuldades encontradas no caminho, tornando possível a minha conquista ao concluir mais esta etapa, acrescentando, assim, ainda mais a minha paixão por viver.

Para a concretização deste curso agradeço às inúmeras pessoas e professores que foram incentivadoras e essenciais em minha caminhada pessoal e formação profissional. Assim, por estes extraordinários exemplos e ensinamentos expresso meus sinceros agradecimentos.

A toda minha família: pais, marido, filhos, irmãos e sobrinhos que sempre me apoiaram.

Ao meu querido mestre/professor e orientador Romário Cardoso Costa, pela sua paciência e inteligência na condução, orientação e valorização da minha caminhada, tornando-se um grande exemplo para mim.

Ao Professor e Mestre Afonso Timão Simplício, que com sua capacidade e empenho como idealizador e coordenador do Curso de Licenciatura em Educação Física do Campus de Florestal-MG, manteve-se disposto em nos atender, apoiar, orientar e incentivar.

Ao Professor e Doutor Guilherme Azambuja Pussieldi, que usando suas habilidades e conhecimentos, fez com que eu vencesse um dos meus maiores medos: a água.

Ao Professor e Mestre Rogério Faria de Melo, mostrando que ser mestre não é apenas lecionar. É ser humano, amigo, guia e companheiro.

A todos os professores, mestres e doutores que a mim repassaram suas experiências e conhecimentos engrandecendo a minha vida acadêmica.

Aos meus colegas de curso e de disciplinas que compartilharam comigo seus anseios, brincadeiras, alegrias e tristezas.

Às minhas colegas e amigas de sala, de trabalhos, de angústias, de risos, Andréia Rios, Cássia Diniz e Priscila Aleixo que tornaram os momentos de aula únicos, me apoiando, me ajudando e colaborando sempre que necessário.

Aos voluntários que foram fundamentais para a realização deste projeto.

Enfim, todos que de alguma forma contribuíram ou torceram pela concretização desta minha vitória.

“Ninguém vive sozinho e ninguém muda sozinho! Devo essas mudanças a pessoas que conviveram comigo nesses quatro anos. Os professores, os funcionários, a família, os amigos que passaram pela minha vida, e aos amigos que permanecerão nela”.

Teixeira Costa (2013)

RESUMO

Este estudo se propôs a investigar como se manifestam os atores envolvidos, professores e alunos, nas aulas de Educação Física Escolar do ensino médio da cidade de Florestal/MG, em relação às aulas com participação de alunos de ambos os gêneros, ou seja, mistas. Para tanto, se fez necessário explicitar concepções construídas na Educação Física sobre a prática corporal, interesses, modo de percepção e interferência nas aulas. A pesquisa é do tipo exploratória e descritiva, sendo a metodologia utilizada a qualitativa, que com frequência é descrita como uma análise temática e, às vezes, como uma análise de discurso e apresentada na análise e interpretação dos resultados com as citações integradas ao texto, ilustrando categorias em particular. Há uma contradição no entendimento do conceito do que é aula mista por parte do corpo docente e discente, pois se verificou que, na maioria das vezes, as aulas ocorrem simultaneamente para meninos e meninas no mesmo espaço, com meninas realizando atividades diferentes dos meninos, separados, o que não caracteriza aula mista. Nas falas dos entrevistados é fato que as aulas mistas contribuem para o relacionamento, a interação, a motivação e a coesão entre os gêneros, mas geram conflitos, atritos, descontentamento e insatisfação com a imposição de regras para a prática da atividade física ou dos jogos coletivos, quando mistas. Assim, desenvolver qualidades físicas é direito igualitário aos gêneros, não podendo ocorrer privilégios em relação às oportunidades devido às diferenças nas características físicas que determinam um gênero do outro. Apesar de o corpo docente atuar, na sua concepção, com aula mista, optariam pela aula separada, por serem mais produtivas, dinâmicas, de fácil elaboração, com qualidade e melhora da aprendizagem. Os discentes concordam que nas aulas separadas teriam mais liberdade, evitando as divergências, as insatisfações e frustrações. Conclui-se que as aulas mistas, da forma como vem sendo ministradas pelos docentes, devem ser revistas considerando as orientações curriculares e os PCN's e que os alunos sejam ouvidos na tentativa de ajustar as aulas aos interesses maiores da disciplina e dos praticantes, pois assim a Educação Física estará resgatando o elo esquecido e ao mesmo tempo valorizando a sua prática. Sugere-se, portanto, mais estudos que possam ajudar a entender as aulas de Educação Física Escolar, sejam elas mistas ou separadas, mas que elas sejam vistas em função das necessidades dos discentes, oferecendo-lhes conhecimentos suficientes para que possam, em suas vidas, serem autônomos nas suas práticas corporais.

PALAVRAS – CHAVE: Gênero, mista, separação, Educação Física, discente, docente.

ABSTRACT

This study sought to investigate how the involved actors, students and teachers, manifest themselves in Physical Education classes where students of both genders participate. In other words, the classes were mixed. These classes were realized in a high school in Florestal/MG. For that, it is necessary to explicit conceptions built in Physical Education about body practice, interests, mode of perception and interference in classes. The research is of exploratory and descriptive type, and the methodology used for qualitative type. It is often described as a thematic analysis and, sometimes, as a speech analysis and presented in the analysis and interpretation of results with quotes integrated to the text, illustrating particular categories. There is a contradiction in understanding the concept of what is a mixed class by the faculty and the students. It happens because it is verified that mostly of the classes occur simultaneously for boys and girls in the same space. Girls perform different activities from the boys, separated, which does not characterize mixed classes. In the interviewees' statements it is true that the mixed classes contribute to the relationship, interaction, motivation and cohesion between genders. But it can lead to conflict, misunderstanding, discontentment and dissatisfaction with the imposition of rules for the practice of physical activity or team games, when mixed. Thus, develop physical qualities is equal right to the genders. There can be no privileges regarding to the opportunities due to differences in the physical characteristics that determine one sex from another. Despite the faculty act with mixed classes, it would choose separated classes in its design due to being productive, dynamic, easy preparation, quality and learning improvement. The students agree that, in separated classes, they have more freedom. For this, it avoids differences, dissatisfactions and frustrations. It is concluded that the mixed classes, the way it is being taught by teachers, should be revised considering the curriculum guidelines and the NCP's and students are heard in an attempt to adjust the lessons to the major interests of the discipline and practitioners. Because then Physical Education will be rescuing the forgotten link while valuing its practice. It is suggested further studies to help understand the Physical Education school classes, either mixed or separated. They should be seen to the needs of the students by offering them sufficient knowledge to enable them to be autonomous in their body practices in their lives.

KEYWORDS: Gender, mixed, separation, Physical Education, student, teacher.

ILUSTRAÇÕES

QUADRO 1 - Justificativa sobre adoção de aulas mista.	45
QUADRO 2 - Entendimento da aula de Educação Física Escolar mista	46
QUADRO 3 - Aulas Mistas – Vantagens e desvantagens	46
QUADRO 4 – Sobre as Aulas Mistas.	47

DULCIMAR APARECIDA TEIXEIRA COSTA

**AS AULAS MISTAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR NA VISÃO DO
CORPO DISCENTE E DOCENTE DAS ESCOLAS DE ENSINO MÉDIO DA
CIDADE DE FLORESTAL/MG.**

Monografia apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do Curso de Licenciatura em Educação Física, para obtenção do título de Licenciado.

APROVADA: 29 de agosto de 2013.

Prof. M. Sc. Romário Cardoso Costa.
Orientador/Presidente
(UFV)

Prof. M. Sc. Afonso Timão Simplício.
(UFV)

Prof. Dr. Paulo Ernesto Antonelli
(UFOP)

DULCIMAR APARECIDA TEIXEIRA COSTA

**AS AULAS MISTAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR NA VISÃO DO
CORPO DISCENTE E DOCENTE DAS ESCOLAS DE ENSINO MÉDIO DA
CIDADE DE FLORESTAL/MG.**

Orientador Prof. M. Sc. Romário Cardoso Costa.

Este exemplar corresponde à versão final da Monografia defendida por Dulcimar Aparecida Teixeira Costa orientado pelo Professor M. Sc. Romário Cardoso Costa.

Assinatura do Orientador
Prof. M. Sc. Romário Cardoso Costa.

Florestal (MG), 03 de setembro de 2013.

FLORESTAL - MG
2013

SUMÁRIO

1- INTRODUÇÃO	12
2- OBJETIVOS	14
2.1. - Objetivo Geral	14
2.2. - Objetivos Específicos	14
3 - REVISÃO DA LITERATURA	14
4 - METODOLOGIA	23
4.1 – Casuística	23
4.2 – Amostra	24
4.3 – Instrumentos de coleta de dados	24
4.4 – Procedimentos Éticos	24
5 - ANÁLISE E DISCUSSÃO	25
6 – CONSIDERAÇÕES FINAIS E SUGESTÕES	39
ANEXOS	48
ANEXO A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido- Docente	48
ANEXO B - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido- Discente	49
ANEXO C - Correspondência ao Diretor Geral da UFV/Campus Florestal	50
ANEXO D – Correspondência ao Diretor da Escola Estadual Serafim Ribeiro de Resende	51
ANEXO E - Correspondência aos docentes da UFV/Campus Florestal e da Escola Estadual Serafim Ribeiro Resende	52
ANEXO F - Correspondência aos discentes da UFV/Campus Florestal e da Escola Estadual Serafim Ribeiro de Resende	53
ANEXO G – Roteiro da entrevista docente	54
ANEXO H – Roteiro da entrevista discente	56
REFERÊNCIAS	58

1 – INTRODUÇÃO

Em meados da década de 70 e início da década de 80, quando estudante do ensino de 1º e 2º Graus na minha terra natal, Oliveira/MG, tive a oportunidade e experiência de estudar em dois educandários.

Um de ensino de 1º grau adotava turmas mistas para o ensino propedêutico e aulas de Educação Física Escolar separada por gênero, enquanto o de ensino de 2º grau destinava-se à formação de professoras para atuar no ensino infantil, antigo pré-escolar e grupo escolar, e era restrito ao gênero feminino, tendo, portanto, turmas do ensino propedêutico e técnico das aulas de Educação Física Escolar, composto de apenas um gênero, o feminino.

No educandário de 2º grau não eram admitidos alunos do gênero masculino e tão pouco docente também do mesmo gênero. Daí a explicação de só terem acesso à docência da educação infantil naquela época, as mulheres. Apropriando das falas de estudiosos do gênero, citados neste artigo, principalmente Altmann, esses fatos históricos anteriormente relatados revelam uma discriminação marcada pela dominação feminina e, não masculina, que manteve a separação e a hierarquização entre homens e mulheres.

Nas aulas de Educação Física Escolar do meu ensino de 1º grau dificilmente ocorria variação de conteúdos. Mais difícil ainda se tornavam essas aulas quando, esporadicamente, alunos e alunas participavam juntos. As aulas de Educação Física, para os alunos, geralmente aconteciam no campo de futebol da Praça de Esportes, dirigida por um professor do gênero masculino e o conteúdo era futebol, enquanto as alunas jogavam voleibol, tendo como professora uma mulher.

Naquela época as turmas eram separadas por gênero, acontecendo muito raramente a participação de alunos e alunas em uma aula de Educação Física Escolar. Nessas aulas, tradicionalmente, realizadas no contra turno, com separação dos gêneros, as potencialidades esportivas dos participantes eram plenamente desenvolvidas, ou seja, não havia restrições quanto ao comportamento físico, técnico ou tático dos alunos como aconteciam em aulas mistas.

Porém, quando aconteciam as aulas mistas os alunos do gênero masculino, nos jogos, tinham que restringir seu potencial e o professor adaptar as regras, evitando dessa maneira riscos de acidentes e lesões em decorrência de contato corporal e chutes, arremessos, saques e

cortadas mais potentes. Por isso, desmotivados, ocorriam desavenças entre os gêneros, tendo o gênero feminino que ouvir gozações, hoje caracterizadas, hoje, como “*bullying*.”¹

Portanto, se por um lado tais concessões solucionavam um problema, criavam outros, pois quebravam a dinâmica do jogo e, dessa forma, as meninas eram as culpadas por isso, pois foi para elas que as regras foram modificadas.

É sabido, através da literatura, conforme afirma Venturini et al. (2010, p.01) que “as instituições, família, sociedade, a escola são consideradas as principais responsáveis pela construção e/ou reprodução de conceitos equivocados, ou melhor, valores estereotipados a cerca das questões de gênero, cultuando uma história de repressão e segregação quanto aos sexos.”

Romero e Aguiar (1995, p.01) manifestando sobre aulas de Educação Física Escolar separada ou não por gênero, afirmam que,

essa posição cômoda, trazida pelas aulas de Educação Física há pouco tempo começou a levantar questionamentos e a propiciar reflexões por parte do corpo docente das escolas, a respeito da eficácia dessa forma de trabalho, e hoje, se tem notícias de experiências bem sucedidas de aulas em que alunos de ambos os sexos participam juntos da prática de atividade física com aulas bem preparadas, longe de exaltar unicamente o rendimento físico. Contudo, em muitas escolas a orientação de separar as turmas por sexo para as aulas de Educação Física ainda persiste perpetuando uma prática sexista que desfavorece meninos e meninas em determinadas atividades físicas.

Apesar de turmas mistas nas aulas de Educação Física Escolar serem defendidas por vários autores² como sendo um meio de contribuir para o desenvolvimento das relações humanas, em especial as relações de gênero, este estudo procura compreender esta problemática que envolve a questão gênero sob a ótica dos atores envolvidos diretamente nas aulas, os discentes e os docentes.

Portanto, este estudo se justifica para elucidar e compreender, como se manifestam os atores envolvidos, professores e alunos, nas aulas de Educação Física Escolar do ensino médio da cidade de Florestal/MG, quanto às aulas mistas.

¹ Atos agressivos verbais ou físicos de maneira repetitiva por parte de um ou mais alunos contra um ou mais colegas. “Ameaça, intimidação”.

² Abreu (1995); Arantes (2008); Altmann (1998); Dornelles (2009); Sousa (1994 e 1999).

2 – OBJETIVOS

2.1. - OBJETIVO GERAL

- Investigar como os docentes e discentes das escolas de ensino médio da cidade de Florestal/MG se manifestam quanto às aulas de Educação Física Escolar com participação de ambos os gêneros ou mista.

2.2 - OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Investigar como se manifestam os Professores de Educação Física Escolar em relação às aulas mistas adotadas no ensino médio da sua escola.
- Investigar como se manifestam os discentes do gênero masculino, do ensino médio, em relação às aulas de Educação Física Escolar mistas em sua escola.
- Investigar como se manifestam os discentes do gênero feminino, do ensino médio, em relação às aulas de Educação Física Escolar mistas em sua escola.

3 - REVISÃO DA LITERATURA

No Brasil, a partir dos anos 30, o esporte foi introduzido como conteúdo da Educação Física Escolar. Às mulheres, portadoras de um corpo frágil dotado de docilidade e sentimento eram atribuídas modalidades esportivas em que se expressava a suavidade de movimentos e a distância de outros corpos, garantidas pela ginástica rítmica e pelo voleibol.

Em contrapartida aos homens era permitido jogar futebol, basquete e judô, esportes que exigiam maior esforço, confronto corpo a corpo e movimentos violentos. O homem que não praticasse esses esportes corria o risco de ser visto pela sociedade como efeminado, como acontecia com aqueles que praticavam o voleibol. O futebol, considerado esporte violento tornaria o homem viril e se fosse praticado pela mulher seria visto como possibilidades de lesões (ALTMANN, 1999, p.58).

Com o passar dos anos essas perspectivas sobre a prática dos esportes foram se alterando e nas últimas décadas presenciamos mudanças que não mais imputam aos homens o risco à masculinidade por praticar o voleibol. Por outro lado o futebol passa a ser praticado por mulheres, tanto nos clubes quanto em algumas escolas, sem que essa prática também as tornasse masculinizadas (ALTMANN, 1999, p.58).

Altmann (1998, p.58) ao se pronunciar sobre a exclusão de meninas na prática de jogos, afirma que isso não ocorre apenas por questões de gênero, pois o critério de exclusão não é exatamente o fato de elas serem mulheres, mas por serem consideradas mais fracas e

menos habilidosas que seus colegas ou mesmo que outras colegas em quadra recebam a bola com menor frequência.

Essas resistências vêm se mostrando constantes ao longo da história da Educação Física Escolar na escola brasileira, fortemente vinculada à biologia e ao positivismo (ALTMANN, 1998, p.54) como apontam diversas autoras, dentre as quais Soares (1994), Gomes (1998) e Souza (1999).

Portanto, a história mostra que na aparência das diferenças biológicas entre os sexos ocultaram-se relações de poder, marcadas pela dominação masculina que mantiveram a separação e a hierarquização entre homens e mulheres, mesmo após a criação da escola mista, nas primeiras décadas deste século. Buscou-se manter a simbologia da mulher como um ser dotado de fragilidade e emoções, e do homem como força e razão, por meio das normas, dos objetos, do espaço físico e das técnicas do corpo e dos conteúdos de ensino, fossem eles a ginástica, os jogos e, sobretudo os esportes (ALTMANN, 1999, p. 57).

Neste sentido, segundo Cunha Júnior (2012, p.01), no início da década de 80 o modelo da educação física brasileira é extremamente injusto sob a ótica do direito de igualdade de oportunidades uma vez que inúmeros segmentos da população, dentre eles mulheres, idosos, negros, adultos trabalhadores, pessoas com necessidades especiais a ele não têm acesso, encontrando-se por isso marginalizados.

Assim, a categoria gênero torna-se muito importante uma vez que ela "envolve a noção de que o poder é distribuído de maneira desigual entre os sexos, cabendo às mulheres uma posição subalterna na organização social" (CUNHA JUNIOR, 2012, p. 01).

As evidentes distinções e desigualdades, neste espaço, eram feitas com meninos e meninas estudando em colégios separados com professores de acordo com seu gênero e aprendiam conteúdos diferentes (CUNHA JR, 2001, p. 02).

Estudos em escolas públicas da Paraíba, segundo Ferreira (apud ALTMANN, 1998, p.4) destaca a reprodução de desigualdades entre os sexos e o privilégio dado ao sexo masculino na Educação Física. Neste sentido Ferreira (2009, p.04), reivindicou uma teoria pedagógica que comprometida com a superação da sociedade capitalista contribuísse para eliminar as diferenças de tratamento entre o homem e a mulher.

Na visão de Souza e Altmann (1999, p.54), o gênero ao enfatizar o caráter fundamentalmente social das divisões baseadas no sexo, possibilita perceber as representações e apresentações das diferenças sexuais. Destaca, ainda, que imbricadas às diferenças biológicas existentes entre homens e mulheres, um jeito de ser masculino e um jeito de ser

feminino, com atitudes e movimentos corporais socialmente entendidos como naturais de cada sexo estão outras social e culturalmente construídas.

Segundo estudos de Simões (2011, p.12) é possível vislumbrar as disputas entre alunas e alunos que já levam para escola uma “história de vida” internalizada com imagens-padrão de um menino e uma menina, um homem e uma mulher, e lá a reproduzem. E que interesses e formas de comportamento específicas para cada sexo são estimuladas pela escola que prepara condições polarizadas para ambos em aulas gerando o que, para além da discriminação na prática pedagógica, mina o desenvolvimento de uma cultura democrática e participativa.

Simões (2001, p.13) compartilhando do pensamento de Lopes e Galvão (2001, p. 69) afirma que

[...] na educação, hoje há um reconhecimento de que, tal como a história, ela é sexuada. Há claramente o reconhecimento de que sempre houve (e há) uma educação para meninos e outra para meninas, sendo preciso dizer isso em alto e bom som, pois quando se falava de educação, já que o masculino era tornado universal; falava-se de homens e dever-se-ia entender que as mulheres aí estavam compreendidas [...].

Souza (2009, p.02) observou em pesquisa de campo, que há possibilidades diversas em mexer nas relações de gênero e que muitos foram os meios, através dos quais, houve esses movimentos: a relação entre resistência e poder e o desenvolvimento de inteligências táticas em aulas, cujos conteúdos eram os Jogos Desportivos Coletivos (JDC). Além disso, observou-se uma grande diferença entre meninos e meninas: enquanto um lado se preocupava com o desenvolvimento esportivo, o outro com o culto à beleza.

Com base nas afirmações de Altmann (1999, p.64) são inúmeros os conflitos e as dificuldades dos educadores no enfrentamento das questões de gênero presentes na cultura escolar, especialmente nas aulas de educação física, pois se trata de valores e normas culturais que se transformam muito lentamente.

Por meio da intervenção do professor são adaptadas as regras de algum jogo ou esporte como recurso para evitar a exclusão de meninas, desconsiderando a articulação do gênero a outras categorias. Assim, Altmann (1999, p.63) sugere determinar que um gol só pudesse ser efetuado após todas as meninas terem tocado a bola ou autorizar apenas as meninas a marcá-los são exemplos de adaptações. Se tais regras solucionam um problema, criam outros, pois quebram a dinâmica do jogo e, em última instância, as meninas são as culpadas por isso, pois são para elas que as regras são modificadas.

Souza e Altmann (1999, p.64) utilizando das palavras de Louro (1997) afirmam que, modificar as regras do jogo pode representar uma forma de ajustar o jogo à “debilidade” feminina, mais uma vez consagrando-se a ideia de que o feminino é um desvio construído com base no masculino. Além disso, a exclusão é aí tratada como unicamente de gênero, e aqueles meninos excluídos com as regras oficiais continuam a enfrentar o mesmo problema quando as regras são adaptadas.

Altmann (1998, p.101) diz que o professor tem um papel importante nesta questão, pois “a postura docente é uma referência que define como meninas e meninos agem e se relacionam entre si.” Meninos e meninas nem sempre reagem da mesma forma à intervenção docente, e um exemplo reside no fato de que meninos desobedecem mais a normas escolares e a solicitações docentes do que as meninas.

Venturini *et al.* (2010, p.02) comentam que o objetivo das aulas de educação física mistas é igualar o acesso e métodos de ensino para homens e mulheres, mas esta relação conflituosa entre os mesmos continua até os dias atuais já que professores exigem resultados diferentes de ambos os gêneros e que desta forma assumem aleatórias posturas perante a sociedade.

Entretanto, com base nas informações de Romero (1995, p.01), a posição cômoda trazida pelas aulas de Educação Física separadas por sexo, há pouco tempo começou a levantar questionamentos e a propiciar reflexões por parte do corpo docente das escolas, a respeito da eficácia dessa forma de trabalho, e hoje, se tem notícias de experiências bem sucedidas de aulas em que alunos de ambos os sexos participam juntos da prática de atividade física com aulas bem preparadas, longe de exaltar unicamente o rendimento físico.

Contudo, continua Romero (1995, p. 01), “em muitas escolas a orientação de separar as turmas por sexo para as aulas de Educação Física ainda persiste perpetuando uma prática sexista que desfavorece meninos e meninas em determinadas atividades físicas”.

Assim, diante do exposto, surgem questões como os resultados da pesquisa realizada por Romero (1995, p.01) onde os alunos tiveram respostas diversas. Os meninos, na sua maioria, responderam que preferiam ter aulas separadas e a justificativa variou, sempre colocando os interesses masculinos prioritariamente como: melhor utilização do espaço físico da quadra; não dividir o tempo da aula; poder bater bola com mais tempo.

Dando sequência em sua pesquisa, Romero (1995, p. 01) afirma que as meninas, também em sua maioria, preferem as aulas de Educação Física separadas. Elas justificam que desta forma não têm meninos para dizer que jogam melhor que elas, que os meninos são muito brutos, e que sendo as aulas separadas elas têm maior liberdade.

Em relação aos professores, Romero (1995, p.3) argumenta que os dados até agora analisados permitem inferir que a maioria trabalha com turmas mistas e outras com aulas separadas por sexo. Todos eles aprovam e acham interessante trabalhar da forma como trabalham. Nenhum deles foi consultado ou participou do processo decisório da composição das turmas na escola.

As respostas dos diretores, segundo Romero (1995, p.3) dão conta que estes são favoráveis às aulas mistas porque trabalha a socialização e quebram tabus, atendendo a individualidade de cada turma. Houve uma restrição quanto à separação das aulas porque entendeu o diretor que dificultaria a organização da escola.

Dornelles e Fraga (2009, p. 153) analisando a questão de gênero nas aulas de Educação Física Escolar, afirmam que

não se **objetiva criar uma nova oposição ou apresentar a fórmula correta, coerente e verdadeira de trabalhar com corpo e gênero na escola, nem criar um novo formato que ofereça “a” melhor proposta de ensinar meninos e meninas, e, sim,** (grifo dos autores) exercitar o olhar, suspeitar, duvidar de práticas comuns ao cotidiano desta disciplina na escola sem definir o formato misto ou separado como mais ou menos adequado. Tratamos, portanto, de provocar o estranhamento de práticas que se incorporam e se constituem como naturalizadas na educação física escolar.

Sob o aspecto legal, no que diz respeito às discussões e ao desenvolvimento dos projetos educativos da escola, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's – Brasil, 1997) servem de apoio às discussões e, ainda

reforçam a necessidade de se construir uma educação básica que adote como eixo estrutural o princípio da inclusão, apontando para uma perspectiva metodológica de ensino-aprendizagem que busque a cooperação e a igualdade de direitos. Para isso, sugerem um conjunto de temas que aparecem transversalizados, permeando a concepção dos diferentes componentes curriculares, dentre os quais a ética, a saúde, a orientação sexual e a pluralidade cultural, englobando, portanto, as questões de gênero na cultura brasileira.

Assim, nas aulas de Educação Física, Menezes, Santos e Borges (2010, p.246), reforçam a fala de Sousa e Altmann (1999, p.02) citando que as divisões de gêneros nem sempre são mantidas entre meninos e meninas já que, muitas vezes, deixam esta questão de lado realizando diversas atividades juntos. Essa junção está de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (2000, p.04) que afirmam:

as aulas mistas de Educação Física podem dar oportunidade para que meninos e meninas convivam, observem-se, descubram-se e possam aprender a ser tolerantes, a não discriminar e a compreender as diferenças, de forma a não reproduzir, de forma estereotipada, relações sociais autoritárias.

O estudo de Silva e Costa (2008, p.07) é ressaltado por Menezes, Santos e Borges (2010, p.246), quando argumentam que a Educação Física na escola deve ser ofertada igualmente para as meninas e meninos, sendo destinados recursos iguais para as atividades ditas femininas e masculinas. Para tanto, é importante ampliar as possibilidades e práticas corporais oferecidas às meninas e aos meninos que objetivem a participação e aprendizagem de todos/as.

Menezes, Santos e Borges (2010, p.249) ainda, reforçam que os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) propõem o princípio da inclusão e vislumbra uma Educação Física na escola que supera as exclusões, mas infelizmente, segundo a autora ainda não ocorre na maioria das aulas de Educação Física nos diferentes segmentos escolares.

Considerando as perspectivas dadas pelos PCNS à Educação Física Escolar, ao iniciarem o estágio supervisionado de Educação Física Escolar em turmas de 8º ano e uma do 9º ano, de uma escola pública estadual, localizada em Belo Horizonte, Menezes, Santos e Borges (2010, p.245), perceberam certa dificuldade na relação entre alunos e alunas durante as aulas. Esse fato as motivaram no desenvolvimento de um estudo investigando as relações entre os gêneros estabelecidos nas aulas de Educação Física Escolar, totalizando em uma amostra de 64 alunos de ambos os sexos.

Entretanto, após as observações e a análise em sua pesquisa, Menezes, Santos e Borges (2010, p.249) perceberam que as aulas de Educação Física eram realizadas de forma mista, porém há uma separação feita pelo próprio professor e pelos alunos, onde na maioria das vezes, pelo fato da liderança ser na maioria masculina, os meninos jogavam futebol na quadra de esporte e as meninas faziam outra atividade em um espaço menor, ou não faziam nada durante a aula. Assim, a probabilidade de a escola estar contribuindo para a reprodução dos preconceitos existente a cerca das questões de gênero é muito grande.

Notório se faz também ressaltar a análise, realizada por Teixeira e Myotin (2011, p.48), quando aplicaram um questionário em 115 crianças do Ensino Fundamental para verificarem a situação das meninas de Viçosa-MG, em relação à participação atividades físico-esportivas dentro e fora da escola.

Teixeira e Myotin (2011, p.48) ao citar Vasconcelos, (1997), concluem que o interesse esportivo tanto das meninas quanto dos meninos é influenciado, talvez, dentre outros fatores, pela oportunidade real de prática durante as aulas de educação física, porém, conforme constatado nos dados obtidos, as meninas continuavam a preferir a queimada e o voleibol e os meninos o futebol.

Relatam, ainda, Teixeira e Myotin (2011, p.48) que nas relações de gênero fora da escola, notou-se que muitas crianças realizavam atividades em grupos mistos, o que vem auxiliando na quebra de estereótipos sobre a participação esportiva da mulher e da participação de meninos em atividades “ditas femininas”.

Com relação às aulas de educação física, segundo Teixeira e Myotin (2011, p.48), apropriando-se da fala de Santos (1995), afirmam que apesar do grande interesse pelas aulas, percebeu-se que este interesse não está totalmente relacionado com a prática das atividades e ao aprendizado esportivo, mas muitas vezes apenas com o sair da sala e poder conversar com os amigos e amigas.

Ao longo da sua história a educação física manteve uma forte tradição de separação de alunos e alunas por sexo nas suas aulas. Apenas mais recentemente, a partir da década de 1990 essa tradição começou a ser modificada e muitos meninos e meninas passaram a compartilhar os mesmos espaços (ALTMANN, AYOUB E GARCIA, 2009, p.04).

Ainda assim, Altmann, Ayoub e Garcia (2009, p.04) comentam que

nem sempre meninos e meninas realizam as mesmas atividades nas aulas de educação física, pois aula mista não tem sido sinônimo de práticas mistas ou ainda co-educação. O que se observa, é que, em muitos casos, a aula ocorre simultaneamente para meninos e meninas, mas as separações de gênero continuam acentuadas, com meninas realizando atividades diferentes dos meninos.

Nos estudos realizados com estudantes brasileiros de escolas públicas, meninos e meninas do 8º e 9º ano do ensino fundamental e meninos e meninas, espanhóis, também de escolas públicas de 1º e 2º educação secundária, assim como seus/suas professores/as de educação física, Altmann, Ayoub e Garcia (2009, p.05) concluíram que os objetivos de suas investigações giraram em torno de três eixos de análise: as experiências de meninos e meninas com práticas corporais e esportivas dentro e fora das aulas de educação física; as percepções de meninos, meninas e docentes acerca dessas experiências; e a compreensão de igualdades e desigualdades de gênero na educação física.

A separação é justificada com argumentos fundamentados nas ciências biológicas, de acordo com os quais, homens e mulheres teriam corpos biologicamente distintos, ou seja, diferenças de estatura, força física, habilidade etc., que impossibilitariam a prática conjunta nessas aulas. Esse argumento ainda se faz presente hoje (ALTMANN, AYOUB E GARCIA, 2009, p.04).

Para justificar o sexismo Altmann, Ayoub e Garcia (2009, p.04) ao citar Sousa, (1994), dizem que a Educação Física, em geral, fundamenta seu projeto de separação dos sexos no sentido do corpo como algo biológico e, ao mesmo tempo, na construção do corpo feminino mais fraco – por “natureza” – que o masculino, reforçando o poder dos homens sobre as mulheres na escala social.

Sobre a atuação das meninas nas aulas práticas de Educação Física Escolar ministrada por Oliveira, Schellin e Rigo (2011, p.01) pode-se notar que a participação das meninas decaía quando passava dos exercícios educativos para o jogo propriamente dito, no caso o basquete, sendo que em ambas as atividades a prática era mista. A desmotivação relatada por parte das alunas em questionários e nas observações das aulas devia-se ainda, ao fato de que os meninos não passava a bola ou muitas vezes às machucava, mesmo que sem intenção.

Como forma de modificar as relações Oliveira, Schellin e Rigo (2011, p.01) intervinham por meio de pequenas regras, uma delas era a de que todos deveriam tocar na bola para marcar o ponto ou os passes somente seriam realizados para alunos do sexo oposto, e como tentativa de melhorar a participação das alunas, foram feitas interações onde durante as atividades procurava-se jogar, auxiliando a inclusão de todos.

Oliveira, Schellin e Rigo (2011, p.01) citam o estudo de Altmann (2002) afirmando que as meninas para jogarem com os meninos devem jogar muito bem, ou ainda, os meninos que jogam com as meninas são aqueles que não jogam bem ou são escolhidos por último, e certas vezes nem são selecionados.

Dessa forma em seus estudos Oliveira, Schellin e Rigo (2011, p.01) concluíram que os meninos não queriam jogar com as meninas, pois não viam um desafio e consideravam que as mesmas não sabiam jogar. A contradição dos gêneros fica exposta quando os meninos jogam com uma menina que joga bem, mas se perdem a imagem masculina é ameaçada. Portanto, afirma Oliveira, Schellin e Rigo (2011, p.01)

durante o estágio observamos muitas vezes que os meninos tinham medo de perder para as meninas, o que realmente ocorreu uma vez e nessa ocasião os alunos ficaram extremamente chateados e quietos.

Para Oliveira e Duarte (2011, p.02) as aulas mistas na educação física têm o intuito de priorizar as atividades para ambos os sexos, porém nem sempre as aulas mistas são aulas co-educativas, pois a co-educação tem como objetivo levar o aluno a trabalhar as mesmas possibilidades e oportunidades, vivenciando as diferenças e semelhanças. Para Saraiva (1999, p.190) [...] “nas aulas de educação física, as meninas e os meninos devem saber receber a mesma atenção e poder vivenciar as mesmas práticas, desenvolvendo a compreensão de diferenciadas manifestações do agir esportivo”.

O que acentua os estereótipos de gênero nas aulas de educação física na escola, de acordo com Oliveira e Duarte (2011, p.03) é a determinação das atividades por sexo, por exemplo, a menina dança e o menino joga futebol. Se o objetivo das aulas é desenvolver as qualidades físicas e as habilidades motoras que são igualitárias aos dois sexos, se são trabalhados a expressão corporal e o ritmo, são para os dois sexos, se for a força também se destina aos dois.

O que não pode ocorrer, segundo Oliveira e Duarte (2011, p.03), é um sexo ser mais privilegiado em relação às oportunidades que o outro devido às características físicas serem mais determinantes em um sexo do que no outro. Com isso nas aulas de educação física acabam ocorrendo desentendimentos entre os alunos.

No relacionamento entre meninos e meninas é comum vermos a presença de conflitos, resistências e até mesmo exclusão entre eles. Para isto, um dos objetivos dos Parâmetros Curriculares Nacionais é levar os alunos a serem capazes de “participar de atividades corporais, estabelecendo relações equilibradas e construtivas com os outros, reconhecendo e respeitando características físicas e de desempenho de si e dos outros, sem discriminar por características pessoais, físicas, sexuais ou sociais” (PCN’s, 1997).

Assim, devemos evidenciar que pesquisando sobre o desempenho em turmas mistas nos jogos coletivos, Vianna, Moura e Mourão (2006, p.03), citam Oliveira (1996) em sua dissertação pela Unicamp, quando questiona até que ponto o fato de unir meninos e meninas nas aulas de Educação Física assegura atingir os objetivos de desenvolvimento de aspectos afetivo-social e como ficam os aspectos motores com esse tipo de formação mistas das turmas.

Sobre a conclusão de Oliveira (1996), Vianna, Moura e Mourão (2006, p.04) comentam que não houve diferença significativa no desempenho motor dos alunos, entre as escolas que utilizam turmas mistas ou separadas, mas aponta a incapacidade dos professores de promover esse desenvolvimento e mesmo sem resultados ratifica não existir motivos no desempenho para a não utilização das aulas mistas.

Ainda Vianna, Moura e Mourão (2006, p.05) se contrapõem a Oliveira (1996) quando afirmam que as mulheres enfrentam muitas barreiras para conseguir o direito à prática e por outro lado evoluíram muito no esporte alcançando marcas iguais à dos homens. Essa afirmação ainda causa algumas ambiguidades, pois não conseguimos saber se as dificuldades diminuíram ou o número de mulheres nas práticas de esporte aumentou. Parece que a autora “esquece de apontar que os homens também enfrentam dificuldades.”

Portanto torna-se questionável de acordo com Vianna, Moura e Mourão (2006, p.08) que

se realmente os esportes coletivos de confronto são instrumentos de dominação, onde as mulheres são minoria no lazer, não seria mais transformador insistir no ensino dessas modalidades a todas as meninas? Não seria interessante turmas separadas para que elas se apropriassem do conteúdo do dominador?

Dessa forma, essas relações de gêneros são um desafio e as orientações curriculares para o ensino médio (2008, p.220) propõem “buscar entender esses alunos e alunas na sua condição de jovens, compreendendo-os nas suas diferenças e percebendo-os como sujeitos que têm visões de mundo, valores, sentimentos, emoções, comportamentos bastante peculiares”.

Baseado nas determinações dos PCNs (2000, p.42) as competências e habilidades a serem desenvolvidas na educação física no ensino médio devem buscar

a compreensão do funcionamento do organismo humano de forma a reconhecer e modificar as atividades corporais, valorizando-as como recurso para melhoria de suas aptidões físicas; desenvolver as noções conceituais de esforço, intensidade e frequência, aplicando-as em suas práticas corporais; refletir sobre as informações específica da cultural corporal, sendo capaz de discerni-las e reinterpretá-las em base científicas, adotando uma postura autônoma na seleção de atividades e procedimentos para manutenção ou aquisição de saúde e assumir uma postura ativa na prática das atividades físicas, e consciente da importância deles na vida do cidadão, subsidiando o educando para o auto-gerenciamento das atividades corporais.

4 – METODOLOGIA

4.1 - CASUÍSTICA E MÉTODOS

Por se tratar de uma análise de seres humanos e de uma pesquisa na área social, foi utilizada a metodologia qualitativa, sendo com frequência descrita como uma análise temática

e, às vezes, como uma análise de discurso a ser apresentada na análise e interpretação dos resultados com as citações integradas ao texto.

Para alcançar o objetivo geral e os objetivos específicos propostos neste estudo, foram utilizadas pesquisas tipo exploratória e descritiva, tendo como instrumento a entrevista semi-estruturada.

4.2 – AMOSTRA

Os professores participantes em número de 05 (cinco), sendo 02 (dois) da Escola Estadual Serafim Ribeiro de Resende e 03 (três) da UFV/*Campus* Florestal/CEDAF foram convidados inicialmente por meio de comunicação verbal. Após o aceite, um ofício foi entregue em mãos com as instruções necessárias à participação.

O convite a 20 (vinte) discentes para a participação na coleta de dados foi feito pessoalmente e verbalmente num primeiro momento, sendo 01 (um) aluno de cada gênero do 1º ano, do 2º ano e do 3º ano do ensino médio da Escola Estadual Serafim Ribeiro de Resende e, também, do 2º ano e do 3º ano do ensino médio federal da CEDAF/UFV. Após o aceite, também verbal dos convidados, um ofício foi entregue em mãos, contendo todas as instruções necessárias para a participação dos convidados. (ANEXO F)

A amostra composta pelos discentes foi intencional e de acordo com as observações de Patton (*apud* ALVES-MAZZOTTI E GEWANDSZNAJDER, 1999, p.163) quando afirma que, “após analisar várias formas de amostragem proposital, concluiu que aquela que proporciona variação máxima de participantes é, geralmente, a de maior utilidade em pesquisas qualitativas”.

4.3 - INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS

Através do método hipotético-dedutivo foram utilizados na coleta de dados entrevistas semi-estruturadas aplicadas em uma amostra intencional na comunidade acadêmica docente e discente nas duas escolas de Ensino Médio da cidade de Florestal/MG/Brasil.(ANEXOS I - J).

4.4 – PROCEDIMENTOS ÉTICOS

O campo de pesquisa para a investigação foram os alunos e professores de Educação Física do Ensino Médio da UFV/*Campus* Florestal/CEDAF e da Escola Estadual Serafim Ribeiro de Resende. (ANEXO E, F, G e H).

Foram enviadas correspondências ao Prof. Dr. Antônio César Pereira Calil Diretor Geral da UFV/*Campus* Florestal/CEDAF e para o Prof. Fernando Gelape Faleiro, Diretor da

Escola Estadual Serafim Ribeiro de Rezende, solicitando autorização para o desenvolvimento do estudo. (ANEXOS C E D)

A amostra da pesquisa, discentes e docentes, foi cientificada dos procedimentos relativos à coleta dos dados, sendo mantido o anonimato dos mesmos e das informações obtidas através das entrevistas. Ainda, cientes e concordantes do objetivo da pesquisa, assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, que foi arquivado, tendo acesso aos dados apenas o pesquisador e quando transcrita a fala dos atores, mantido o anonimato. (ANEXO A e B)

5 – ANÁLISE E DISCUSSÃO

Após a realização das entrevistas, as falas dos docentes são transcritas *ipsis literis* com a análise e interpretação, como também com considerações sobre aspectos relevantes da fala dos entrevistados.

Por questões éticas os participantes, tanto docentes quanto discentes serão mantidos no anonimato em suas falas, sendo nomeados como: DE 1 Docente Estadual 1, DE 2 Docente Estadual 2, DF 1 Docente Federal 1, DF 2 Docente Federal 2, DF 3 Docente Federal, E 1º Discente do 1º ano Estadual, E 2º Discente do 2º ano Estadual, E 3º Discente do 3º ano Estadual, F 2º Discente do 2º ano Federal e F 3º Discente do 3º ano Federal. A amostra discente é composta por 20 (vinte) estudantes, sendo dois deles do gênero feminino e dois do masculino, por série.

Assim se manifestaram os atores entrevistados:

1.1 – Primeiro Insight - Como são suas aulas de Educação Física Escolar, mistas ou separadas por gênero?

De toda a amostra docente, quatro admitiram em suas respostas que são concordantes com a adoção do sistema de aulas mistas. Porém, um docente admite ser contrário a tal prática e discorda dos demais. Assim se manifestaram:

“Optei pelas aulas mistas por causa do sistema.” (DE 1 – Grifo nosso)

“Todos fazem aulas mistas e porque a Faculdade me ensinou assim.” (DE 2 – Grifo nosso)

“Aulas mistas, mas às vezes separadas. Separada a pedido das meninas ou quando não vê perfil de interação, considerando que os meninos têm força maior e como tem menino que não sabe medir a força. Mas é mista para eles aprenderem a conviver com as diferenças.” (DF 1 – Grifo nosso)

Apesar de admitir que as aulas pudessem ser separadas, um docente, sob a alegação de vivência da realidade, assim se expressou:

“São aulas mistas. Poderia ser separadas: masculino e feminino, mas essa não é a realidade que nossos estagiários, alunos bolsistas vão encontrar lá fora”. (DF 2 – Grifo nosso)

O DF-3, contrário às aulas mistas, assim se manifesta:

“Separadas! Dessa forma as aulas são produtivas, evitando as concessões que geram conflitos e descontentamento entre os gêneros”.

Os discentes, apesar de não compreenderem e definirem bem o termo aula mista, com muita propriedade assim se manifestam:

“Depende! Tinha dia que era mista e tinha dia que era separada. Sempre foi tipo misto e separado.” (E 1º – Grifo nosso)

“Mista! Gosto porque é tudo junto. Tem pouca menina e não tem como fazer separado.” (E 1º – Grifo nosso).

“Eu acho que é legal a mista, mas é melhor sem as meninas porque dá pra jogar futebol toda hora.” (E 1º - Grifo nosso)

“Atualmente separada por gênero! Tem o aquecimento e outra atividade juntos e depois separa. É bacana, eu gosto, mas acho estranho separar por gênero. Os alunos participam mais quando é todo mundo. Separando por gênero a maioria das meninas não fazem, mas eu particularmente participo mais.” (E 2º– Grifo nosso)

“Aula Separada”. (E 3º – Grifo nosso).

“Não gosto de educação física. Faço porque tem que fazer! A escola exige”. (F 2º – Grifo nosso).

“No começo era mista. Agora é separada porque é futebol.” (F 3º – Grifo nosso).

1.2 - Segundo Insight: De onde partiu a determinação pelo tipo de aula mista de Educação Física que você adota?

Fica claro que nas falas dos entrevistados as razões pela escolha do tipo de aula da educação física escolar vão desde a influência do sistema, a convicção própria, passando pela influência da faculdade até a conveniência da situação.

Não há, portanto uma razão única pela opção do tipo de aula, sendo os motivos variados. Dessa forma os docentes assim se expressaram:

“Adoto aula mista por decisão do sistema. Não escolhi! Mesmo querendo, não me foi dada a opção pelo separado.” (DE 1 – Grifo nosso)

“Por causa da Faculdade. Aprendi que na sociedade a gente vive juntos: homens e mulheres, só que no esporte não, apesar das diferenças físicas. Vejo mais pelo lado da recreação do que rendimento, habilidade”. (DE 2 – Grifo nosso)

“Em conjunto com outro professor do ensino médio federal, em função de horário, separamos. Cada professor assume uma série”. (DF 1 – Grifo nosso)

“A decisão partiu dos professores. Optamos para permitir a prática dos estagiários, alunos bolsistas. Mas se me perguntar o que seria melhor eu diria: separado! Você trabalha de forma mais homogênea, tem menos trabalho, mas os alunos não teriam vivenciado a aula mista.” (DF 2 – Grifo nosso)

“Adoto aula com os gêneros separados! A CEDAF nunca obrigou nenhum professor de Educação Física a adotar uma forma ou outra. O critério é do professor! Porém aqui na CEDAF as aulas, sempre, foram masculino separado do feminino.” (DF 3)

1.3 – Terceiro Insight: Os horários das aulas de Educação Física Escolar no turno das demais aulas da sua escola, tem influência na adoção do tipo de aula mista que você adota?

Neste particular, a adoção das aulas no próprio turno das demais disciplinas tem forte influência do sistema, quando a escola já estabelece o horário para o professor.

“O sistema decidiu”. (DE 1– Grifo nosso)

“Os horários das outras aulas interferiram para serem mistas.” (DF 1– Grifo nosso)

Para outro professor esta decisão não influencia porque é favorável a aula mista e, também, presente a fala de que não há influência na opção.

“Não tem influência. Eu sou a favor.” (DE 2 – Grifo nosso)

“Não tem influência.” (DF 2 – Grifo nosso)

Para outro entrevistado, particularmente na sua escola não há influência, porque existe a liberdade do professor encaixar suas aulas em horários diversos em função da adoção da integralidade dos turnos. Assim ele se expressa:

“Na CEDAF o sistema de aulas é o horário integral. Aqui o aluno está disponível o dia todo, portanto não existe apenas um turno como nas escolas estaduais. Dessa forma, o professor pode optar por um horário em que a turma esteja sem aulas de outras matérias.” (DF 3 – Grifo nosso)

1.4 - Quarto Insight: Na sua visão quais são as vantagens e desvantagens das suas aulas de Educação Física Escolar quando mistas?

As vantagens enumeradas pelos entrevistados dizem respeito especificamente à interação, ao respeito aos limites individuais e à melhora do conhecimento entre os gêneros. Por outro lado as desvantagens são focadas à necessidade de adaptar, modificar a aula por causa das diferenças físicas entre os gêneros, estando presente a desmotivação dos alunos, por não poderem expressar sua real capacidade de rendimento em detrimento das alunas. Assim os docentes se expressam:

“Como vantagem das aulas mistas tem o entrosamento e a oportunidade de conhecer cada aluno, porém fica mais difícil trabalhar. Tem que saber o que falar. Já como desvantagem vejo as diferenças físicas entre os gêneros, pois tenho que modificar a aula, adaptar. Com os meninos fica mais fácil de trabalhar, já conhecem as regras dos esportes. Não posso falar alto com as meninas, pois elas se assustam. Tem muita diferença”. (DE 1– Grifo nosso)

“A vantagem é a interação e respeito aos limites individuais. A desvantagem é devido à diferença das valências físicas, quando correm desmotivação na participação por parte dos meninos, mesmo quando ocorre das meninas serem melhores que os meninos”. (DE 2 – Grifo nosso)

“Como vantagem nas aulas mistas ocorre melhor relacionamento com questões de inferioridade principalmente quando os meninos vão fazer os jogos. Percebem a diferença com as meninas e fazem os acertos. Eles se dividem. Se organizam entre eles. Homens com

homens e meninas com meninas. No vôlei, queimada que necessitam de habilidade deles, eles jogam de forma mista porque gostam de estar juntos. Não veem problemas com relação a isso. Sem regras. Se controlam”. (DF 1 – Grifo nosso)

“Não vejo vantagem em unir os gêneros numa mesma aula, pois é mais proveitoso quando tratamos os diferentes, diferentemente. Na adolescência as diferenças são marcantes, principalmente as de maturação, por isso é preciso dar aos alunos a oportunidade de colocar para fora todo o seu potencial, seja ele físico ou técnico e misturando-os numa mesma atividade fica perigoso para as alunas.” (DF 3 – Grifo nosso)

As falas dos discentes, principalmente do ensino estadual, destoam de parte daquelas defendidas pelos docentes, pois não veem vantagens quando as aulas de Educação Física são mistas e se expressam assim:

“Não vejo vantagem na aula mista! Os meninos só machucam as meninas!” (E 1º – Grifo nosso)

“Acho que se a aula não for mista e as meninas jogar sempre com as meninas elas nunca vão desenvolver força. Às vezes eles ensinam pra gente. A desvantagem é só a gente machucar.” (E 2º – Grifo nosso)

“Vejo como uma desvantagem jogar com as meninas. Elas atrapalham! Deveria ser meninas com meninas e meninos com os meninos.” (E 2º – Grifo nosso)

As manifestações dos discentes reforçam as vantagens enumeradas pelos docentes, mas denunciam e reforçam as desvantagens encontradas nas aulas de Educação Física da forma como vem sendo ministradas. São enumeradas como desvantagens:

“Eu vejo tipo assim, você vai jogar com as meninas e ver a diferença de habilidade e eu não me esforçar por causa delas, mas se ocorrer de jogar juntos vou ter que controlar as entradas.” (E 1º – Grifo nosso)

“Não vejo vantagem na aula mista, porque ocorrem muitas brigas e os meninos só querem ficar com a bola pra eles.” (E 1º – Grifo nosso)

“Aula mista não dá pra jogar futebol, é desvantagem! Mas, é bom jogar futebol! Mas cansa jogar só futebol com as meninas, sem trocar o esporte.” (E 3º – Grifo nosso)

“Como desvantagem vejo que um menino pode machucar uma menina.” (F 2º – Grifo nosso)

“Como desvantagem vejo que os alunos poderiam dar o que têm de melhor.” (F 3º – Grifo nosso)

Como vantagens alguns alunos vêm à interação, reforçando a fala de parte dos docentes.

“Como vantagem vejo mais participação, principalmente das meninas que são “muito enroladas. Um anima o outro. Há interação”. (E 1º – Grifo nosso)

“Vantagem é a interação. Favorece os alunos que não conversam.” (F 2º – Grifo nosso)

1.5 - Quinto Insight - A adoção do seu tipo de aula de Educação Física Escolar mista contribui ou agrava a questão do relacionamento entre alunos e alunas?

Nas falas dos docentes, já mencionadas em perguntas anteriores, está clara a concordância com o que dizem os discentes ao mencionarem a contribuição para o relacionamento, a interação, a motivação e a coesão entre os gêneros. Dessa forma os discentes se expressam assim:

“Vejo como mais efetiva ou mais divertida, melhorando a relação, quando não é futebol”. (E 1º – Grifo nosso)

“Participo bem mais quando não tem os meninos.” (E 1º – Grifo nosso)

“Não vejo se melhora a relação entre eles depois das aulas. Tem atritos, mas é só ali durante aquela aula. É só naquele momento.” (E 2º – Grifo nosso)

“Melhora a relação visto que há mais interação entre o grupo e eu não preciso fazer muito esforço durante a atividade.” (E 2º – Grifo nosso)

“Optaria pelos meninos não fazerem a aula. Gosto só de fazer a aula com as meninas.” (F 2º – Grifo nosso)

“Acho que melhora a relação, a interação, e isso não agrava o relacionamento entre os alunos.” (F 3º – Grifo nosso)

1.6 - Sexto Insight - Há “atritos” durante jogos coletivos competitivos por causa da diferença de rendimento.

A existência dos atritos, entre os gêneros, durante as aulas são admitidos pelos docentes, o que é comum durante os jogos coletivos por causa da disputa, do rendimento no momento da disputa. Alguns dos docentes acham até salutar esses atritos, pois amadurecem, preparam todos para a vida, já que é preciso aprender a ganhar e a perder.

“Quando a menina sobressai os meninos não gostam. Não querem perder para as meninas.”
(DE 1 – Grifo nosso)

“É normal encontrar alunos com perfil agressivo que não sabem respeitar as regras ou perder, mas é preciso que eu intervenha para controlar a situação.” (DE 2 – Grifo nosso)

“É normal e salutar os atritos entre os gêneros. Eles discutem e se apaziguam!” (DF 1 – Grifo nosso)

“É importante acontecer os atritos entre os gêneros para que eles aprendam a ganhar e a perder. Assim eles aprendem que podem não ser os melhores.” (DF 2 – Grifo nosso).

“É certo que sim! As diferenças de rendimento são o motivo das discórdias, dos atritos! Esse é um dos principais motivos que não concordo e não adoto a aula mista!” (DF 3 – Grifo nosso)

Entre os discentes não há concordância sobre a existência dos atritos, porém as diferenças entre os gêneros são uma realidade que não pode ser negada. Aqueles que se manifestam contrários à existência de atritos, ao serem indagados responderam:

“Não há atritos!” (E 1º – Grifo nosso).

“Não vejo brigas a não ser que a pessoa leve alguma coisa de fora. Na própria aula de Educação Física, não!” (E 2º – Grifo nosso).

“Não vejo brigas!”. (F 2º – Grifo nosso).

Outros discentes discordam da fala dos docentes e dos próprios colegas e afirmam que os atritos/brigas durante os jogos coletivos estão presentes. Considerando as diferenças de rendimento, dizem:

“Entre meninos e meninas, durante as aulas, existe atrito por causa do rendimento sim!” (E 1º – Grifo nosso)

“Às vezes ocorrem os atritos! Não pode é dar uma entrada mais dura.” (E 1º – Grifo nosso)
“Por causa do rendimento ocorrem brigas, sim!” (F 2º – Grifo nosso)

“Podem ocorrer brigas! Ainda mais quando eu quero mostrar pras meninas que eu só bom.” (F 3º – Grifo nosso)

1.7 – Sétimo Insight - Como é a visão do discente sobre suas aulas quando meninos e meninas compartilham o mesmo espaço físico em um determinado momento?

Na perspectiva de compartilharem meninos e meninas o mesmo espaço físico e, também as mesmas atividades físicas nas aulas de Educação Física Escolar, os docentes assim se manifestam:

“É gratificante ver com reforço positivo mediante a interação social o rico respeitando o pobre. É o respeito às diferenças biológicas!” (DE 2 – Grifo nosso)

“Convivem bem no mesmo espaço. Se respeitam!” (DF 1 – Grifo nosso)

“Enquanto não há motivo para o atrito eles, os alunos de ambos os gêneros, se dão bem! Mas é só aparecer o jogo, a competição, que as manifestações de desagravo aparecem. Essa é a realidade da aula mista!” (DF 3 – Grifo nosso)

A visão dos discentes é contraditória à da maioria dos docentes. Assim eles dizem:

“Mesmo com regras eles (os alunos) nem percebem que podem machucar a gente. Eles não deixam a gente jogar. Eles chegam no gol e chutam forte.” (E 1º – Grifo nosso)

“Aproveitaria mais a aula se fosse separado. Só as meninas! Não gosto muito de fazer as atividades juntos. Os meninos não passam a bola prá gente.” (E 2º – Grifo nosso)

“Quando estão só os meninos se esforçam mais para não ficar prá trás e puxam as meninas para participarem porque, se depender delas, demoram e ficam enrolando. As aulas ficam melhores e passam mais rápido sem elas. Já quando elas estão participando não pode fazer muito esforço porque senão elas param de fazer a atividade”. (F 2º – Grifo nosso)

1.8 - Oitavo Insight – Na percepção dos discentes como é vista a competitividade com a aula sendo realizada entre iguais?

As falas dos docentes são muito semelhantes, porém há discordância. A competitividade é uma realidade que não pode ser negada. Assim se manifestaram os participantes ao responderem à questão desse tópico:

“Depende da faixa etária. Os mais novos, os menores reclamam mais. Adolescente, menina de 13 anos, não participa das aulas se deixar. Fazem aulas contrariadas. Preferem falar outro tipo de assunto: namorado, telefone, etc. E quando participam das aulas são mais competitivas entre elas. Competem mais, porém sem atritos dentro da aula.” (DE 1– Grifo nosso)

“Ocorre competição entre meninos e meninas. Os meninos não querem perder para as meninas e elas não podem sair melhor que eles”. (DE 1– Grifo nosso)

“Entre os alunos iguais a competitividade é bem alta, principalmente entre aqueles considerados os melhores. Há uma certa rixa na hora do jogo. Entre os meninos, eles querem provar quem é o melhor. Parece que é uma característica do esporte soltar esse sentimento, essa emoção. Respeitando a personalidade do aluno melhora a relação desde que sejam impostas regras, orientação e punição por parte do professor.” (DE 2 – Grifo nosso)

“Depende do perfil de cada aluno e de cada aluna. Tem alunos que tem qualidade boa, mas sabem conviver com as meninas e com os menos habilidosos. Mas a maioria tem esse nível de competitividade”. (DE 2– Grifo nosso)

“A competitividade é pouca. Não existe entre eles. Misto facilita a relação porque discutem. Ocorre coesão, discussão de alguns pontos, mas podem opinar dentro da Educação Física e quando as meninas não querem fazer aquela aula podem correr no campo”. (DF 1– Grifo nosso)

“O nível de competitividade é natural e passivo, porém entre eles é alto, mas é mais competitivo do que entre as meninas porque para elas é mais recreativo, quer mais abraço, mais risada. Aquela coisa que é característica de cada gênero mesmo”. (DF 2– Grifo nosso)

“Entre iguais, meninos com meninos, meninas com meninas, a competição tende a se equilibrar e é bem aceita. As diferenças não são gritantes quando meninos e meninas se misturam na mesma atividade competitiva. Eles e elas separadas se igualam mais!” (DF-3-Grifo nosso)

As falas dos professores são confirmadas pelos alunos ao se mostrarem insatisfeitos quando as aulas mistas se tornam mais competitivas e dinâmicas discorrendo assim:

“Acho que é mais competitiva e dinâmica para os meninos. Mesmo quando são colocadas regras eles nem percebem que podem machucar a gente. Eles não deixam a gente jogar. Eles chegam ao gol e chutam”. (E 1º – Grifo nosso)

“Às vezes quem tem alguma rixa fora da aula tenta resolver dentro da aula de Educação Física”. (E 2º – Grifo nosso)

“Eu me sinto insatisfeita porque os meninos são muito competitivos. Gostam de jogar sozinhos, sem nós meninas.”. (F 2º – Grifo nosso)

“Fico mais competitivo sem as meninas. Não tenho medo de errar, de me machucar e assim eu me esforço ao máximo para tentar superar os outros”. (F 3º – Grifo nosso)

1.9 - Décimo Insight - Como fica a aprendizagem quando ambos os gêneros participam juntos?

Neste contexto como é a visão dos docentes e discentes quanto ao aprender? Há contradição entre os docentes, pois há a crença de que é melhor a aprendizagem quando as aulas são separadas por gênero, mas existem docentes que defendem o contrário, alegando que o espelhar no mais habilidoso é uma aprendizagem mais efetiva.

“Quando a aula é feita separado é melhor. Entre os gêneros, no vôlei, as meninas são melhores que os meninos e no basquetebol, os meninos são melhores que as meninas, devido à coordenação motora grossa dos meninos serem melhor que das meninas que possuem a coordenação motora fina melhor.” (DE 1 – Grifo nosso)

“Um aluno aprende vendo o outro fazer a atividade. O menos habilidoso se espelha no mais habilidoso. Através da visualização ele vê como agir de forma correta. Tem uma referência. Alguns alunos têm perfil de ensinar”. (DE 2 – Grifo nosso)

“Apesar de entender que um aluno do gênero masculino mais habilidoso pode contribuir para a aprendizagem do colega do gênero feminino menos habilidoso, e o contrário também é verdadeiro, considerando o princípio da zona proximal de Vigotski, ainda defendo a aula separada por gênero, considerando que os adolescentes nesta idade se diferem muito, principalmente na disposição para as tarefas físicas.” (DF 3 – Grifo nosso)

Um dos docentes entrevistados não observa aprendizagem, alegando que o que há é uma co-participação, ajuda mútua entre os gêneros, mas se contradiz quando comenta:

“O que é observado nas aulas é co-participação e assim os objetivos são cumpridos. São extrapolados. Eles conseguem uma melhora rápida no que se havia imaginado, proposto. Supera! (DF 2 – Grifo nosso)

A aprendizagem com a participação de ambos os gêneros na mesma aula é confirmada pelos alunos quando afirmam que:

“Dá para aprender alguma coisa”. (E 1º – Grifo nosso)

“Tem mais aprendizagem. Ainda mais quando eles (alunos) ensinam pra gente”. (E 2º – Grifo nosso)

“Tem uma noção de como é jogar com as meninas. Aprende a controlar a sua habilidade e ensina com a demonstração. Acho que o professor deveria explicar o objetivo da aula porque muita gente não faz porque não sabe o que está fazendo. Não faz porque não entendi o que deve e o que está fazendo. O professor deveria dar um esclarecimento.” (E 2º – Grifo nosso)

1.10 – Décimo Primeiro Insight - Você vê a aula mista como mais prazerosa por exigir um menor esforço físico ou então por possibilitar uma maior aproximação dos sexos, tornando mais fácil o aumento dos vínculos afetivos?

Nesse quesito, aumento dos vínculos afetivos, os docentes entrevistados assim se expressam:

“Fica mais fácil o relacionamento entre professor e aluna. Elas são mais afetivas, mais amigas. Tem mais liberdade”. (DE 1 – Grifo nosso)

“Para aqueles que têm habilidade ela (aula) não é prazerosa, mas sim quando há competitividade”.

(DE 2 – Grifo nosso)

“Em relação à parte motora se eu faço os jogos de forma mista eu estou limitando quem tem mais habilidade. Isso não é bom. Eles vão ter que nivelar por baixo e eu vou ter que estabelecer regras. Isso limita. Em relação à parte social, afetiva é bom, em relação à parte do conhecimento tanto faz como tanto fez. O conhecimento você vai estimular nos meninos e meninas da mesma forma. Da forma como a gente faz, na hora da performance a gente separa. Qual o problema? Nenhum. Na nossa forma de conduzir a coisa não se aplica porque na hora da competição a gente separa masculino e feminino. Sem problema. Fica dentro do próprio gênero. Se fosse junto aí sim. Eu teria prejuízo independentemente de masculino ou feminino. O mais habilidoso teria prejuízo porque teria que jogar no menor nível do que ele poderia”. (DF 2 – Grifo nosso)

“Não há como conciliar prazer e menor esforço físico para quem é adepto ao esforço e quer sempre melhorar! Nesta faixa etária as meninas não se mostram interessadas em assumir um compromisso com a atividade física, diferentemente dos meninos. Pode até ser que melhore os vínculos afetivos, mas entendo que esse ajuste no esforço deixa muito a desejar.” (DF 3 – Grifo nosso)

Nessa visão, os discentes manifestam-se com afirmações divergentes:

“Pode melhorar a relação se os meninos tiverem mais consciência e não chutar com muita força quando estiverem com as meninas. Eles não pensam nas meninas não!” (E 1º – Grifo nosso)

“Melhora! Aprende a comunicar.” (E 2º – Grifo nosso)

“Acho que pode aproximar os gêneros porque a convivência é maior, mas atrapalha o desempenho.” (E 3º – Grifo nosso)

1.11 – Décimo Segundo Insight - Como você controla o esforço físico no cumprimento das tarefas de aula quando adota a aula mista?

As falas dos participantes confirmam o controle do esforço físico no cumprimento das atividades, advindos das aulas mistas. Eles se expressam assim:

“Quanto à força física dos meninos, eles tem consciência disso e controlam para jogar com as meninas. O professor só pede para que não se esqueçam que eles estão jogando com as meninas. Eles controlam o nível da força apesar do machismo interferir, por não quererem perder. Mesmo quando a menina sabe jogar, ela não é aceita entre os meninos”. (DE 1 – Grifo nosso)

“Devido à falta de respaldo médico, quando o esforço está além do ideal eu dou uma parada mudando a atividade ou às vezes mesclando o time. Dou uma dosagem nisso aí”. (DE 2 – Grifo nosso)

“Controla esforço físico através da percepção-esforço, FC quando intensa.” (DF 1 – Grifo nosso)

“Não é tarefa do professor. Nós temos dentro do processo do estágio de avaliação da intensidade de esforço. Qualquer aluno que cumpriu todas as etapas da avaliação diagnóstica teria condição de dizer se pode mais ou menos porque pela FC já sabem qual é o esforço de cada um. Eles poderão se bem compreendido a técnica e a aplicação da forma que foi discutido esse dado resolverem essa questão. E a gente acompanha pela percepção, frequência cardíaca e observação”. (DF 2 – Grifo nosso)

“Taí um grande desafio! Como controlar o esforço físico de 40 alunos em uma aula de Educação Física Escolar mista, ou seja, quando a atividade é coletiva, como jogos? Muito difícil na minha visão, pois o grupo é muito heterogêneo! Nas atividades individuais, como nas corridas, é possível um controle efetivo. Nessa situação ainda é possível a separação por grupos conforme o nível de aptidão.” (DF 3 – Grifo nosso)

1.12 – Décimo Terceiro Insight - Quando ocorre interesse pelo sexo oposto, você acha que pode resultar em pequenas conversas, desvirtuando o foco da aula?

As falas dos participantes confirmam concordância entre 80% dos docentes entrevistados afirmando que as pequenas conversas não tiram o foco da aula, e um deles assim se expressa:

“Melhora. Quer fazer tudo certinho para mostrar para o namorado ou namorada. É estimulante, ainda mais nessa faixa etária. É vantagem!” (DF 2 – Grifo nosso)

Porém, um docente discorda ao afirma que:

“Não vejo a Educação Física como local de paquera, mas sim para a prática do movimento, do esporte, da melhora da aptidão física. Para tudo temos a hora certa e a aula de Educação Física não está a serviço da paquera. Portanto, o foco da aula pode sim ser desvirtuado e com facilidade.” (DF 3 – Grifo nosso)

Nesse particular os discentes entrevistados se manifestam:

“Eu acho que desvirtua o foco da aula sim! Porque tipo assim, vamos supor, em uma aula de Educação Física a gente deveria fazer atividade física e não ficar só paquerando!” (E 1º – Grifo nosso)

“Pode desvirtuar sim! Ficam atentos um no outro.” (E 2º – Grifo nosso)

“O casal que já está ficando não tem problema, mas o que está começando, interfere.” (E 2º – Grifo nosso)

“Penso que interfere sim! Muitas vezes deixam de fazer a aula pra ficar conversando.” (F 2º – Grifo nosso)

“Pode deixar de fazer o que tem que fazer na aula. É isso mesmo interfere sim!” (F 3º – Grifo nosso)

1.13 – Décimo Quarto Insight - Qual a sua preferência: aula mista ou separada?

Os docentes entrevistados ao serem perguntados sobre sua preferência entre aula mista ou separada mostram divergência e assim se expressam:

“Trabalhar com aulas separadas! Tem maior rendimento e teria mais tempo só com um gênero. Já trabalhei só com os meninos enquanto uma professora trabalhava com as meninas”. (DE 1– Grifo nosso)

“Aula mista. Aprendi assim na faculdade.” (DE 2 – Grifo nosso)

“Tanto faz! Muito mais talvez por comodidade que por qualidade! Aula mista é mais fácil pela condução das aulas e distribuição de aulas. Já as aulas separadas dificulta a relação entre eles, à interação, o momento de conhecer melhor o colega.” (DF 1 – Grifo nosso)

“Opto pela aula mista. Não poderíamos dar exemplos diferentes que o mercado vai exigir dos nossos estagiários. Para ser coerente com o curso”. (DF 2 – Grifo nosso)

“Minha opção é por aula separada por gênero! Inclusive nas aulas de futebol do Curso de Licenciatura em Educação Física separo os alunos das alunas. Não tenho dúvida que é mais produtivo! Temos que lutar pelo que é melhor para o aluno e não aceitar as imposições! (DF 3 – grifo nosso)

Mesmo entre os discentes há divergência. Cada um com seus argumentos, mostrando que não há consenso, pois as visões são diferentes:

“Separada porque os meninos são muito agressivos!” (E 1º – Grifo nosso)

“Separada! Pode jogar e fazer atividade física que eu gosto.” (E 1º – Grifo nosso)

“Separada, dependendo do tipo do esporte.” (E 2º – Grifo nosso)

“Separada pode competir e mista pode conversar.” (F 3º – Grifo nosso)

“Mista. Porque nem sempre as meninas querem fazer aula de Educação Física e a gente (meninos) trazemos elas pra fazer a aula.” (E 2º – Grifo nosso)

“Mista. Porque a pessoa pensa no que vai fazer. Ela tem que esforçar no que ela está fazendo para não errar, para não fazer feio tenta aprender e fazer mesmo com medo.” (E 3º – Grifo nosso)

“Tudo junto! Não tem problema.” (F 2º – Grifo nosso)

6 – CONSIDERAÇÕES FINAIS E SUGESTÕES.

De acordo com as falas dos atores envolvidos na pesquisa, corpo docente das escolas de ensino médio Estadual e Federal da cidade de Florestal/MG, há uma contradição no entendimento do conceito do que é aula mista. O Dicionário Aurélio (2000, p.465) define a palavra mista em relação à escola como: **“Diz-se do estabelecimento de ensino que admite alunos de ambos os sexos; misturado, baralhado.”** Portanto, a compreensão é que as atividades sejam realizadas conjuntamente entre os gêneros.

Altmann, Ayoub e Garcia (2009, p.04) ao comentarem sobre a questão de aulas mistas, afirmam que ***“A aula ocorre simultaneamente para meninos e meninas, mas as separações de gênero continuam acentuadas, com meninas realizando atividades diferentes dos meninos”***. Nas falas dos docentes a opção pela aula mista é quase unanimidade, mas os discentes confirmam a afirmação de Altmann, Ayoub e Garcia (2009, p.04) quando dizem que apesar de estarem juntos, no mesmo ambiente, as atividades não são todas realizadas conjuntamente: ***“Atualmente separada por gênero! Tem o aquecimento e outra atividade juntos e depois separa [...]”*** (E 2º – Grifo nosso).

Nas falas do corpo docente sobre suas opções e justificativas pelo tipo de aula adotada, mista ou separada, fica claro que o aluno não é o foco principal, razão dessas decisões. Várias foram às justificativas, como: o sistema me obriga, a Faculdade ensinou-me assim, os demais horários interferiram ou nas palavras de um dos docentes: ***“São mistas. Poderia ser separadas: masculino e feminino, mas essa não é a realidade que nossos estagiários, alunos bolsistas vão encontrar lá fora”***.

As falas dos discentes denunciam que muitos alunos não sabem o que significa aula mista, visto que suas aulas ocorrem das duas formas, assim o sistema de ensino da Educação Física Escolar mista adotado não corresponde aos anseios e as necessidades dos alunos. Às vezes, conforme o relato dos alunos, o conteúdo programático a ser desenvolvido em determinada aula é estabelecido antecipadamente, de comum acordo entre alunos e professor, mas esse conteúdo é focado e realizado sem nenhuma explicação do seu por que, da sua importância e aplicabilidade. Assim, pode-se, amparado na afirmação de um dos discentes confirmar: ***“Acho que o professor ou o seu estagiário deveria explicar o objetivo da aula porque muita gente não faz porque não sabe o que está fazendo. Não faz porque não entende o que deve e o que está fazendo. O professor deveria dar um esclarecimento.”***

Menezes, Santos e Borges (2010, p 249), atestam que ***“há uma separação durante as aulas de Educação Física, feita pelo próprio professor e pelos alunos, onde na maioria das vezes, pelo fato da liderança ser na maioria masculina, os meninos jogam futebol e as meninas fazem outra atividade, ou não fazem nada durante a aula.”*** Assim, concordantes, cerca de 70% dos discentes, nas suas falas, acham que as aulas na maioria das vezes são de futebol ou futsal e que ficariam mais interessantes e dinâmicas e porque não mais competitivos sem as meninas, portanto dando a entender que preferem aulas separadas por gênero.

Com relação à contribuição ou agravamento das relações entre alunos e alunas os docentes, ao serem indagados foram concordantes que não ocorrem brigas, mas sim disputas,

afirmando um deles que *“É normal e salutar. Discutem e se apaziguam”*, apesar de ser contestado por um colega docente que afirma: *“Aulas deveriam ser separadas, pois sendo assim seriam mais produtivas, evitando as concessões que geram conflitos e descontentamento entre os gêneros.”*

No entanto, observa-se que nos relatos dos discentes, manter alunos e alunas no mesmo espaço físico pode favorecer que o relacionamento não aconteça de forma desejada, pois é fato a existência dos atritos, das divergências, da insatisfação e da frustração por parte daqueles que realmente gostam da prática esportiva, principalmente quando regras são impostas aos gêneros.

Essa colocação é reforçada por Oliveira e Duarte (2011, p. 03), ao citarem que *“um sexo ser mais privilegiado em relação às oportunidades que o outro devido às características físicas serem mais determinantes em um sexo do que no outro, nas aulas de educação física acabam provocando desentendimentos entre os alunos”*. É também endossada por um docente que relata: *“Enquanto não há motivo para o atrito eles, os alunos de ambos os gêneros, se dão bem! Mas é só aparecer o jogo, a competição, que as manifestações de desagravo aparecem. Essa é a realidade da aula mista!”*

É importante ressaltar nos depoimentos, que apesar do gênero masculino ser considerado forte, dedicado aos esportes e às atividades físicas, se mostram preocupados em assumir o papel de resgatar, de “puxar” o gênero feminino para a participação nas aulas, considerando a falta de habilidade e, principalmente, a falta de interesse desse gênero.

Já os participantes do gênero feminino fazem colocações importantes que ajudam a entender toda a problemática vivida nas aulas mistas, relatando como vantagem a possibilidade de aprender com os meninos, mas declararam que não participam, às vezes, das atividades físicas e observam muitas desvantagens nas aulas de Educação Física trabalhadas de forma mista.

Um dos docentes aborda na sua fala a possibilidade de contribuição da aprendizagem entre os gêneros, mas defende a aula separada considerando as diferenças físicas da idade. Enfocando a aprendizagem ele diz: *“Apesar de entender que um aluno do gênero masculino mais habilidoso pode contribuir para a aprendizagem do colega do gênero feminino menos habilidoso, e o contrário também é verdadeiro, considerando o princípio da zona proximal de Vigotski, ainda defendo a aula separada por gênero, considerando que os adolescentes nesta idade se diferem muito, principalmente na disposição para as tarefas físicas.”*

Como desvantagens, os representantes do gênero feminino, se referem às diferenças específicas dadas ao gênero masculino, como: a força física, a falta de percepção e de

delicadeza, ao participarem juntos são “atropeladas” pelos colegas; não se sentem à vontade; não têm liberdade para conversar coisas de mulher; têm medo de se machucarem e não gostam de serem observadas quando usam calça legging³, pois se sentem inseguras e têm vergonha. Com relação ao aproveitamento da aula em si, do conteúdo lecionado, o gênero feminino se manifesta favorável a participar e a jogar desde que separadamente. Uma das discentes assim se expressa: ***“Aproveitaria mais a aula se fosse separado. Só as meninas! Não gosto muito de fazer junto com os meninos.”***

Essa afirmativa é endossada por Romero (1995, p. 02), ao observar que ***“as meninas, também em sua maioria, preferem as aulas de Educação Física separadas por não ter meninos dizendo que jogam melhor que elas, que os meninos são muito brutos, e que sendo as aulas separadas elas têm maior liberdade.”***

Concomitantemente um docente assim se expressa sobre as vantagens e desvantagens da aula mista, ressalta que: ***“Não vejo vantagem em unir os gêneros numa mesma aula, pois é mais proveitoso quando tratamos os diferentes, diferentemente. Na adolescência as diferenças são marcantes, principalmente as de maturação, por isso é preciso dar aos alunos a oportunidade de colocar para fora todo o seu potencial, seja ele físico ou técnico e misturando-os numa mesma atividade fica perigoso para as alunas.”***

Entre os docentes ocorre uma discordância quando perguntados sobre a ocorrência de interesse pelo sexo oposto e se esse comportamento é visto como vantagem ou desvantagem da aula mista. Um dos docentes se expressa assim: ***“Melhora. Quer fazer tudo certinho para mostrar para o namorado ou namorada. É estimulante, ainda mais nessa faixa etária. É vantagem!”***. Porém, outro docente afirma que: ***“A aula de Educação Física não é local de paquera, mas sim para a prática do movimento, do esporte, da melhora da aptidão física. Para tudo temos a hora certa e a aula de Educação Física não está a serviço da paquera. Portanto, o foco da aula pode sim ser desvirtuado e com facilidade.”***

Teixeira e Myotin (2011, p. 48) confirmam esse desvirtuamento dos objetivos da aula de Educação Física ao afirmarem que ***“há um grande interesse pelas aulas de Educação Física, só que este interesse não está totalmente relacionado com a prática das atividades e ao aprendizado esportivo. Muitas vezes este interesse está relacionado apenas com o sair da sala e poder conversar com os amigos e amigas”***. Essa fala é confirmada em pelos discentes deste estudo quando afirmam que as aulas de Educação Física mista ou separada não fazem

³ Calça justa aderente ao corpo e utilizada na prática esportiva.

diferença para um determinado grupo de alunos que não praticam as atividades, visto que não são **“obrigados”** a permanecer durante o horário no espaço destinado às aulas.

Alguns alunos ficam na sala de aula destinada às outras disciplinas, outros optam por ficar andando pelo *campus* e outros até por sugestão do professor ou estagiário caminham segundo os entrevistados, aleatoriamente, pela pista de atletismo. Sem supervisão, sem controle de tempo ou esforço perambulam pela pista, o que contradiz frontalmente o preconizado nas competências e habilidades a serem desenvolvidas na Educação Física Escolar do ensino médio, conforme determinado no PCN (2000, p.42), **“Desenvolver as noções conceituais de esforço, intensidade e frequência, aplicando-as em suas práticas corporais.”**

Outro fato que desestimula a prática da Educação Física, independente de ser aula mista ou separada, confirmado nas falas dos discentes, é que determinados alunos não fazem aulas por apresentarem atestados médicos ou simplesmente, como dizem os próprios alunos, **“por não querer fazer ou não gostar”** e como não ocorrem cobranças, preferem levar as faltas e ao final do semestre, comodamente fazerem um trabalho estabelecido pelo professor, como compensação às faltas. Segundo eles: **“É bem mais fácil e cômodo.”**

A opção dos docentes por ministrarem de forma mista as suas aulas de Educação Física Escolar se torna contraditória quando perguntados sobre qual tipo de aula preferiria, se mista ou separada. Defendem sua preferência pelas aulas separadas por gênero, e que, inclusive, alguns já trabalharam desta forma e acreditam que com essa opção teriam o seu trabalho reduzido, não por comodidade, mas pela qualidade, pela facilidade de traçar seus objetivos e pela melhoria da aprendizagem.

Um dos docentes reforça esse comportamento, dizendo assim: **“Minha opção é por aula separada por gênero! Inclusive nas aulas de futebol do Curso de Licenciatura em Educação Física separo os alunos das alunas. Não tenho dúvida que é mais produtivo! Temos que lutar pelo que é melhor para o aluno e não aceitar as imposições!”**

A fala anterior é reforçada quando Menezes, Santos e Borges (2010, p.246) ao citarem SAYÃO (2002) dizem que a **“tentativa de alguns/as profissionais de Educação Física desenvolverem as práticas corporais tomando a co-educação como norte, apesar de serem bem intencionadas, muitas vezes não agrada a todos, ou seja, meninas e meninos sentem-se obrigados a participarem das atividades exigidas pelo professor de forma mista.”**

É sabido que os discentes envolvidos nesta pesquisa estão encerrando um ciclo de informações e conhecimentos em suas vidas esportivas e, provavelmente, ingressando no ensino superior não terão mais a oportunidade de praticar atividades físicas de forma

sistemática e organizada como nas aulas de Educação Física Escolar. Portanto é relevante ressaltar o que determina os PCN (2000, p.42): ***“esperar que os jovens sejam preparados para uma participação política mais efetiva no que se refere à organização dos espaços e recursos públicos de prática de esporte, ginástica, dança, luta, jogos populares, entre outros”***.

Dessa forma o professor ou educador físico deve despertar no aluno o gosto pela prática da atividade física, o gosto pelo esporte como uma forma de melhorar sua aptidão física, diminuindo a incidência de fatores de risco para doenças crônicas degenerativas, controle e prevenção da obesidade, objetivando melhoria na sua qualidade de vida.

Esses benefícios são reforçados pelo PCN (2000, p.42) quando afirmam ***“que o aluno do ensino médio deve compreender o funcionamento do organismo humano, de forma a reconhecer e modificar as atividades corporais, valorizando-as como recurso para melhoria de suas aptidões físicas e refletir sobre as informações específicas da cultural corporal, sendo capaz de discerni-las e reinterpretá-las em base científicas, adotando uma postura autônoma na seleção de atividades e procedimentos para manutenção ou aquisição de saúde”***.

Oliveira e Duarte (2011, p.03) reforçam o ***“desenvolvimento das qualidades físicas e as habilidades motoras que são igualitárias aos dois sexos e o que não pode ocorrer é um sexo ser mais privilegiado em relação às oportunidades que o outro, devido às características físicas serem mais determinantes em um sexo do que no outro”***.

Portanto, quando investigamos como os docentes e discentes das escolas de ensino médio da cidade de Florestal/MG se manifestam quanto às aulas de Educação Física Escolar, com participação de ambos os gêneros, constatamos que existem informações suficientes que nos levam a crer e afirmar que as aulas da forma como vêm sendo ministradas pelos docentes devem ser revistas, considerando que um dos papéis da Educação Física, segundo as Orientações Curriculares (2008, p. 225) são ***“os valores das práticas corporais são componentes que contribuem com a formação do cidadão e espera-se que os alunos do ensino médio tenham a oportunidade de vivenciarem o maior número de práticas corporais possíveis”***.

“Assumir uma postura ativa na prática das atividades físicas e consciente de sua importância” é uma das expectativas do PCN (2000, p. 42). Assim, sugere-se que os alunos sejam ouvidos na tentativa de ajustar as aulas aos interesses maiores da disciplina e dos praticantes, pois assim a Educação Física estará resgatando o elo esquecido e ao mesmo tempo valorizando a sua prática.

Concluímos, portanto, que em suas falas, apesar das justificativas serem diferentes, há concordância nas opiniões do corpo docente ao elegerem as aulas mistas como forma de trabalhar. A exceção de um dos docentes, os demais afirmam que desejariam trabalhar com as turmas separadas por gênero, alegando que as aulas são mais produtivas, dinâmicas, fáceis de serem elaboradas, alcançando melhores resultados com relação à qualidade e aprendizagem.

Quanto aos discentes também há concordância na adoção das aulas de Educação Física separada por gênero. Afirmam ainda que, teriam mais liberdade ao executarem as atividades, principalmente entre o gênero feminino, pois não se sentiriam constrangidas e sem liberdade, sentindo-se observadas pelo gênero masculino, devido ao uso da calça “legging” ou pela sua falta de habilidade ao realizar movimentos como o agachar ou deitar.

Alegam, também, que as aulas seriam mais dinâmicas, pois não ocorreriam imposições de regras. Concordam que devido às concessões e às regras impostas, ambos os gêneros ao dividirem o mesmo espaço físico, ficam sujeitos às divergências, às insatisfações e frustrações, o que pode culminar com a desmotivação.

Apesar dos resultados alcançados nesta pesquisa, propõem-se mais estudos que possam ajudar a entender as aulas de Educação Física Escolar, sejam elas mistas ou separadas, mas que elas sejam vistas em função das necessidades dos discentes, oferecendo-lhes conhecimentos suficientes para que possam, em suas vidas, serem autônomos nas suas práticas corporais.

ILUSTRAÇÕES

JUSTIFICATIVAS SOBRE A ADOÇÃO DE AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR MISTA.
DOCENTES
Por causa do sistema.
Influência da faculdade.
Horários de outras disciplinas.
Estágio dos alunos bolsistas.

QUADRO 1 - Justificativa sobre adoção de aulas mista.

FONTE: Teixeira Costa (2013)

ENTENDIMENTO DA AULA DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR MISTA	
DOCENTES	DISCENTES

Ocorre em dois momentos: juntos e depois separado por gêneros.	Fato de ocorrer dentro da sala de aula, na quadra e no campo.
	Ocorre em dois momentos: juntos e depois separado por gêneros.

QUADRO 2 - Entendimento da aula de Educação Física Escolar mista.

FONTE: Teixeira Costa (2013)

AULAS MISTAS – VANTAGENS E DESVANTAGENS			
	DOCENTES	DISCENTES	
Vantagens	Coesão.	Coesão.	
	Interação	Interação	
	Referência.		Referência.
			Resgate das meninas para as aulas.
Desvantagens	Não tem.	Insegurança.	
		Falta de liberdade.	
		Quebra a dinâmica.	
		Causa insatisfações.	
		Favorece conversas paralelas.	
		Amplia as divergências.	
		Favorece a desmotivação.	
Favorece frustrações.			

QUADRO 3 - Aulas Mistas – Vantagens e desvantagens.

FONTE: Teixeira Costa (2013)

SOBRE AULAS MISTAS.

CATEGORIAS	DOCENTES	DISCENTES
Atritos	Presentes.	Presentes.
Competitividade.	Presentes.	Presentes.
Aprendizagem.	Presentes. Gênero masculino é referência.	Presentes. Gênero masculino é referência.
Atração pelo sexo oposto	Melhora.	Atrapalham as aulas.
Aula mista ou separada?	Separada	Separada
	Reduz o trabalho	Maior liberdade de ação*
	Melhora a qualidade.	Aula dinâmica*
	Melhora a aprendizagem.	Diminui atritos*
	Mais produtiva	Aulas prazerosas*
		Melhora o rendimento*
		Favorece a demonstração das habilidades*
		Sem adoção de regras*
		Melhora a motivação*
		Encoraja a participação**
	Menos lesões**	
	Sentem-se seguras**	
	Diminui agressividade***	

* Relativo a ambos os gêneros. ** Relativo ao gênero feminino. *** Relativo ao gênero masculino

QUADRO 4 – Sobre as Aulas Mistas.

FONTE: Teixeira Costa (2013)

ANEXOS

ANEXO A

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Este documento visa solicitar sua participação e, se for o caso, de seu responsável, na pesquisa, ***“As aulas mistas de Educação Física escolar na visão do corpo discente e docente das escolas de ensino médio da cidade de Florestal/MG”***, que tem como objetivo coletar dados para serem avaliados na apresentação do Trabalho de Conclusão de Curso – TCC, da discente: **Dulcimar Aparecida Teixeira Costa**.

Por intermédio deste termo são-lhes garantidos os seguintes direitos: (1) solicitar, a qualquer tempo, maiores esclarecimentos sobre esta Pesquisa; (2) sigilo absoluto sobre nomes, apelidos, datas de nascimento, local de trabalho, bem como quaisquer outras informações que possam levar à identificação pessoal; (3) ampla possibilidade de negar-se a responder a quaisquer questões ou a fornecer informações que julguem prejudiciais à sua integridade física, moral e social; (4) opção de solicitar que determinadas falas e/ou declarações não sejam incluídas em nenhum documento oficial, o que será prontamente atendido; (5) desistir, a qualquer tempo, de participar da pesquisa.

“Declaro estar ciente das informações constantes neste ‘Termo de Consentimento Livre e Esclarecido’, e entender que serei resguardado pelo sigilo absoluto de meus dados pessoais e de minha participação na pesquisa. Poderei pedir, a qualquer tempo, esclarecimentos sobre esta pesquisa; recusar a dar informações que julgue prejudiciais a minha pessoa, solicitar a não inclusão em documentos de quaisquer informações que já tenha fornecido e desistir, a qualquer momento, de participar da Pesquisa. Fico ciente também de que uma cópia deste termo permanecerá arquivada com o pesquisador, aluno do Curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal de Viçosa/Campus Florestal, responsável por esta pesquisa.”

Florestal (MG), ____ de _____ de 2013.

Participante: _____

Endereço: _____

Assinatura: _____

ANEXO B

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Este documento visa solicitar sua participação e, se for o caso, de seu responsável, na pesquisa, “*As aulas mistas de Educação Física escolar na visão do corpo discente e docente das escolas de ensino médio da cidade de Florestal/MG*”, que tem como objetivo coletar dados para serem avaliados na apresentação do Trabalho de Conclusão de Curso – TCC, da discente: **Dulcimar Aparecida Teixeira Costa**.

Por intermédio deste termo são-lhes garantidos os seguintes direitos: (1) solicitar, a qualquer tempo, maiores esclarecimentos sobre esta Pesquisa; (2) sigilo absoluto sobre nomes, apelidos, datas de nascimento, local de trabalho, bem como quaisquer outras informações que possam levar à identificação pessoal; (3) ampla possibilidade de negar-se a responder a quaisquer questões ou a fornecer informações que julguem prejudiciais à sua integridade física, moral e social; (4) opção de solicitar que determinadas falas e/ou declarações não sejam incluídas em nenhum documento oficial, o que será prontamente atendido; (5) desistir, a qualquer tempo, de participar da pesquisa.

“Declaro estar ciente das informações constantes neste ‘Termo de Consentimento Livre e Esclarecido’, e entender que serei resguardado pelo sigilo absoluto de meus dados pessoais e de minha participação na pesquisa. Poderei pedir, a qualquer tempo, esclarecimentos sobre esta pesquisa; recusar a dar informações que julgue prejudiciais a minha pessoa, solicitar a não inclusão em documentos de quaisquer informações que já tenha fornecido e desistir, a qualquer momento, de participar da Pesquisa. Fico ciente também de que uma cópia deste termo permanecerá arquivada com o pesquisador, aluno do Curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal de Viçosa/Campus Florestal, responsável por esta pesquisa.”

Florestal (MG), ____ de _____ de 2013.

Participante: _____

Endereço: _____

Como responsável pelo (a) adolescente acima identificado (a), declaro o meu consentimento para sua participação nesta pesquisa.

Responsável: _____

Endereço: _____

Assinatura do responsável: _____

ANEXO C**UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA
CAMPUS DE FLORESTAL / CEDAF**

Florestal, de 2013.

Ilmo Senhor

Prof. Dr. Antônio Cezar Pereira Calil

DD Diretor Geral da UFV/*Campus* Florestal/CEDAF

Senhor Diretor,

Tem este por finalidade solicitar a V.S.^a autorização para a realização da coleta de dados do projeto de pesquisa *“As aulas mistas na Educação Física Escolar vista sob a ótica do corpo discente e docente das escolas de ensino médio da cidade de Florestal/MG”*, que será desenvolvido pela aluna do Curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal de Viçosa/*Campus* de Florestal/MG, que abaixo assina.

Informo ainda que todos os dados coletados são sigilosos, e que será fornecido aos participantes o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, que depois de assinado será arquivado.

Cientifico ainda que, o período da coleta de dados será de.../.../2013 a.../.../2013 e que as ações não irão interferir no andamento normal das aulas do Ensino Médio da CEDAF.

Na certeza de poder contar com a colaboração e compreensão de V.S.^a autorizando a coleta dos dados, subscrevo-me.

Atenciosamente.

Dulcimar Aparecida Teixeira Costa
Discente Responsável pela Pesquisa

ANEXO D**UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA
CAMPUS DE FLORESTAL / CEDAF**

Florestal, de 2013.

Ilmo. Senhor

Prof. Fernando Gelape Faleiro

DD Diretor da Escola Estadual Serafim Ribeiro de Rezende

Florestal - MG

Senhor Diretor,

Tem esta por finalidade solicitar a V.S.^a autorização para realização da coleta de dados do projeto de pesquisa *“As aulas mistas na Educação Física Escolar vista sob a ótica do corpo discente e docente das escolas de ensino médio da cidade de Florestal/MG”*, que será desenvolvido pela aluna do Curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal de Viçosa/Campus de Florestal/MG, que abaixo assina.

Informo ainda que todos os dados coletados são sigilosos e que será fornecido aos participantes o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, que depois de assinado será arquivado.

Cientifico ainda que, o período da coleta de dados será de.../.../2013 a.../.../2013 e que as ações não irão interferir no andamento normal das aulas do ensino médio da escola em que V.S.^a é Diretor.

Na certeza de poder contar com a colaboração e compreensão de V.S.^a autorizando a coleta dos dados, subscrevo-me.

Atenciosamente.

Dulcimar Aparecida Teixeira Costa
Discente Responsável pela Pesquisa

ANEXO E**UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA
CAMPUS FLORESTAL / CEDAF**

Florestal, de de 2013.

Ilmo Sr.

Prof. Dr.

Docente do Ensino Médio da CEDAF/UFV ou

Docente do Ensino Médio da Escola Estadual Serafim Ribeiro de Rezende

Prezado senhor,

Tem esta por finalidade convidar V.S.^a para participar da coleta de dados do projeto de pesquisa intitulado *“As aulas mistas de Educação Física escolar na visão do corpo discente e docente das escolas de ensino médio da cidade de Florestal/MG”*, que desenvolvo no Curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal de Viçosa/*Campus Florestal/MG*.

Será realizada uma entrevista com todos os participantes da amostra, individualmente, docentes que atuam no Ensino Médio da CEDAF/UFV e da Escola Estadual Serafim Ribeiro de Rezende, Florestal/MG.

Por se tratar de uma análise envolvendo seres humanos e de uma pesquisa na área social, todos os participantes deverão assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, que depois de assinado serão devolvidos e arquivados.

Informo, também, que todas as informações prestadas nas entrevistas serão mantidas em sigilo, sendo citadas as falas dos entrevistados no texto da monografia, porém sem identificá-los.

Na certeza de contar com a sua colaboração e participação, desde já agradeço.

Atenciosamente.

Dulcimar Aparecida Teixeira Costa
Discente Responsável pela Pesquisa

ANEXO F**UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA
CAMPUS FLORESTAL / CEDAF**

Florestal, de de 2013.

Ilmo (a) Sr (a).

Discente do ano do Ensino Médio da

Prezado (a) aluno (a),

Tem esta por finalidade convidar V.S.^a para participar da coleta de dados do projeto de pesquisa intitulado *“As aulas mistas na Educação Física Escolar vista sob a ótica do corpo discente e docente das escolas de ensino médio da cidade de Florestal/MG”*, que desenvolvo no Curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal de Viçosa/*Campus Florestal/MG*.

Será realizada uma entrevista com todos os participantes da amostra, individualmente, alunos regularmente matriculados no Ensino Médio UFV/*Campus Florestal/CEDAF* e da Escola Estadual Serafim Ribeiro de Rezende, Florestal/MG.

Por se tratar de uma análise envolvendo seres humanos e de uma pesquisa na área social, todos os participantes deverão assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, que depois de assinado será devolvido e arquivado, sendo mantidos os depoimentos em sigilo, inclusive sem citação do declarante no trabalho, quando concluído.

Informo, também, que todas as informações prestadas sendo mantidas em sigilo, fica facultativo o registro do nome do respondente na entrevista.

Na certeza de contar com a sua colaboração e participação, desde já agradeço.

Atenciosamente.

Dulcimar Aparecida Teixeira Costa
Discente Responsável pela Pesquisa

ANEXO G

1 – Primeiro Insight - Como são suas aulas de Educação Física Escolar, mistas ou separadas por gênero?

2 - Segundo Insight: De onde partiu a determinação pelo tipo de aula mista de Educação Física Escolar que você adota?

Diretivas: iniciativa própria; determinação da escola; literatura.

3 – Terceiro Insight: Os horários das aulas de Educação Física Escolar, no turno das demais aulas da sua escola, tem influência na adoção do tipo de aula mista que você adota?

4 - Quarto Insight: Na sua visão quais são as vantagens e desvantagens das suas aulas de Educação Física Escolar quando mistas?

5 - Quinto Insight - A adoção do seu tipo de aula de Educação Física Escolar mista contribui ou agrava a questão do relacionamento entre alunos e alunas?

Diretivas: manifestação dos discentes; ocorrência de atritos; brigas; melhoria da relação; jogos competitivos; competitividade entre os gêneros; uso do mesmo espaço físico;

6 - Sexto Insight - Há “atritos” durante jogos coletivos competitivos por causa da diferença de rendimento.

7 – Sétimo Insight - Como é a visão do discente sobre suas aulas quando meninos e meninas compartilham o mesmo espaço físico em um determinado momento?

8 - Oitavo Insight – Na percepção dos adolescentes, como é visto o índice de competitividade, com a aula sendo realizada entre iguais?

9 - Décimo Insight - Como fica a aprendizagem quando ambos os gêneros participam juntos?

Diretiva: melhora; piora; não altera.

10 – Décimo Primeiro Insight - Você vê a aula mista como mais prazerosa por exigir um menor esforço físico ou então por possibilitar uma maior aproximação dos sexos, tornando mais fácil o aumento dos vínculos afetivos?

11 – Décimo Segundo Insight - Como você controla o esforço físico no cumprimento das tarefas quando adota a aula mista?

Diretiva: FC; escala de percepção de Borg.

12 – Décimo Terceiro Insight - Quando ocorre interesse pelo sexo oposto, você acha que pode resultar em pequenas conversas, desvirtuando o foco da aula?

13 – Décimo Quarto Insight - Qual a sua preferência: aula mista ou separada?

ANEXO H

1 – Primeiro Insight - Como são suas aulas de Educação Física Escolar, mistas ou separadas por gênero?

Diretivas: definir o que é aula mista; preferência.

2 - Segundo Insight - Na sua visão quais são as vantagens e desvantagens das suas aulas de Educação Física Escolar quando mistas?

Diretivas: tem atritos; melhoram o relacionamento; participação.

3 - Quinto Insight - A adoção do seu tipo de aula de Educação Física Escolar mista contribui ou agrava a questão do relacionamento entre alunos e alunas?

Diretivas: aula prazerosa; aumenta sem estímulo; participação;

4 - Sexto Insight - Há “atritos” durante jogos coletivos competitivos por causa da diferença de rendimento.

Diretivas: brigas; desentendimentos; cria rixa.

5 – Sétimo Insight - Como é a visão do discente sobre suas aulas quando meninos e meninas compartilham o mesmo espaço físico em um determinado momento?

6 - Oitavo Insight – Na percepção dos adolescentes, como é visto o índice de competitividade, com a aula sendo realizada entre iguais?

7 - Décimo Insight - Como fica a aprendizagem quando ambos os gêneros participam juntos?

Diretivas: facilita aprender; dificulta aprender; não interfere.

8 – Décimo Primeiro Insight - Você vê a aula mista como mais prazerosa por exigir um menor esforço físico ou então por possibilitar uma maior aproximação dos sexos, tornando mais fácil o aumento dos vínculos afetivos?

Diretivas: aumenta ou diminui o prazer; dinâmica; melhora a relação.

9 – Décimo Terceiro Insight - Quando ocorre interesse pelo sexo oposto, você acha que pode resultar em pequenas conversas, desvirtuando o foco da aula?

10 – Décimo Quarto Insight - Qual a sua preferência: aula mista ou separada?

REFERÊNCIAS

ABREU, Neíse Gaudêncio. Análise das percepções de docentes e discentes sobre turmas mistas e separadas por sexo nas aulas de educação física escolar. In: ROMERO, Eliane (org.), Corpo, mulher e sociedade. Campinas, SP. **Papirus**. 1995. p. 157-176.

ALTMANN, Helena. **Rompendo fronteiras de gênero: Marias (e) homens na educação física**. (Dissertação de mestrado em educação). Belo Horizonte. UFMG. 1998. p. 111.

ALTMANN, Helena; AYOUB, Eliana; GARCIA, Emilia Fernandez. Educação Física Escolar e igualdade de gênero: um estudo Transcultural – primeiras aproximações. **Anais**. In: XVI Congresso Brasileiro de ciências e do Esporte e III Congresso Internacional de Ciências do Esporte Salvador – BA – 2009.

BERRIA, Juliane; et al. O Gênero nas aulas de Educação Física: questões e conflitos. **Revista Digital** - Buenos Aires - Año 15 - Nº 143 - Abril 2010.

CUNHA JÚNIOR, Carlos Fernando Ferreira. **As relações de gênero e o cotidiano do professor de Educação Física: em prol de uma pedagogia não-sexista**. Disponível em: <<http://cev.org.br/biblioteca/as-relacoes-genero-o-cotidiano-professor-educacao-fisica-prol-uma-pedagogia-nao-sexista/>> - Acesso: out 2012.

DORNELLES, Priscila Gomes; FRAGA, Alex Branco. Aula mista *versus* aula separada? Uma questão de gênero recorrente na educação física escolar. **Revista Brasileira de Docência, Ensino e Pesquisa em Educação Física**. Vol. 1. Nº 1. 2009.

FERREIRA, José Luiz. As relações de gênero nas aulas de educação física. Um estudo de caso em uma escola pública de Campinas. (Dissertação de mestrado em Educação). **Cadernos Cedex**. ANO XIX. Nº 48. João pessoa, PB. Agosto 1996. P.18P.

MENEZES, Isabela Santos; SANTOS, Marcela Gobbato; SÁ, Kátia Regina; BORGES Liliana. Relação entre meninos e meninas nas aulas de Educação Física: um estudo de caso. **Coleção Pesquisa em Educação Física** - Vol.9, n.1, 2010 - ISSN: 1981-4313.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Parâmetros Curriculares – Ensino Médio, 2000. Parte II - Linguagens, Códigos e suas Tecnologias**. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/blegais.pdf>>. Acesso em: outubro 2012.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO/Secretaria de Educação Básica. **Orientações Curriculares para o Ensino Médio - Linguagem, códigos e suas tecnologias**. Brasília. Volume 1. 2008. 239 p.

OLIVEIRA, Flavia Fernandes; DUARTE, Cátia Pereira. **Discurso dos professores e professoras de educação física sobre o relacionamento de meninos e meninas**. Disponível em: <www.pibid.ufpr.br/pibid.../edfisica2011/.../Discurso_meninos_meninas.pdf>. Acesso: maio 2013.

OLIVEIRA, Francisco de Assis Furtado; SCHELLIN, Fabiane de Oliveira; RIGO, Luiz Carlos. Meninas na Educação Física: porque elas não jogam? **EFDeportes.com. Revista Digital**. Buenos Aires, Año 16, N° 160, 2011.

ROMERO, Elaine; AGUIAR, Janaína. Como o corpo docente e discente percebe as aulas de Educação Física mistas e separadas por sexo. **Apostila IX COMBRACE**. Vitória. ES. 1995.

SIMÕES, Renata Duarte. **Gênero, educação e educação física: um olhar sobre a produção teórica brasileira**. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/reunioes/29ra/trabalhos/trabalho/GT23-2377--Int.pdf>>. Acesso em: junho 2013.

SOUSA, Estaquia Salvadora; ALTMANN, Helena. Meninos e meninas: Expectativas corporais e implicações na educação física escolar. **Cadernos Cedes**. Ano XIX. N° 48. 1999.

SOUSA, Estaquia Salvadora. física **Meninos, à marcha! Meninas, à sombra! A história da educação em Belo Horizonte (1897-1994)**. (Tese de doutorado em Educação). Campinas: Unicamp. 1994.

SOUZA, Carolina Maciel. **Relações de gênero e Educação Física: “Visão de jogo” e beleza**. (Trabalho de Conclusão de Curso - Graduação). - Faculdade de Educação Física. Unicamp. Campinas. 2009. p. 81

TEIXEIRA, André Gustavo Alves; MYOTIN, Emmi. Cultura Corporal das Meninas: Análise sob a Perspectiva de Gênero. **Motriz** Jan-Jun 2001, Vol. 7, n.1, p. 45-48.

VENTURINI , Gabriela Rezende de Oliveira *et. al.* Gênero e Educação Física Escolar - **Revista Digital**. Buenos Aires. 2010. Ano 15. N° 147.

VIANNA, Alexandre Jackson Chan; MOURA, Diego Luz; MOURÃO, Ludmila. **Gênero e Educação Física Escolar: Uma análise das evidências empíricas sobre a discriminação e o sexismo**. Disponível em: < www.cbce.org.br/cd/resumos/244.pdf>. Acesso em: maio 2013.